



Educação e Pesquisa

ISSN: 1517-9702

revedu@usp.br

Universidade de São Paulo

Brasil

Gondra, José G.

A sementeira do porvir: higiene e infância no século XIX

Educação e Pesquisa, vol. 26, núm. 1, junho, 2000, pp. 99-117

Universidade de São Paulo

São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=29826108>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## **A sementeira do porvir : higiene e infância no século XIX**

José G. Gondra  
*Universidade do Estado do Rio de Janeiro*

### **Resumo**

Este artigo apresenta uma análise e reflexão sobre a produção da idéia da infância no Brasil. Religião, ciência, progresso, indústria, comércio e civilização são alguns dos signos que têm participado da configuração e construção desse conceito no contexto brasileiro.

Diante da complexidade da questão e da proliferação dos discursos sobre a infância, examina-se aqui um deles, bastante expressivo no século XIX, que incide na combinação entre regenerar e civilizar. Esta fórmula, cuja legitimidade foi forjada no interior da ordem médica, determinou que o trabalho viesse a focalizar a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (FMRJ), um dos lugares em que o tema da infância esteve presente regularmente ao longo do século XIX.

Com a perspectiva de analisar as representações que a respeito da infância foram produzidas, trabalhou-se com parte da produção da FMRJ, sobretudo com as teses de licenciados pelos alunos ao final do curso para a obtenção do título de doutor. Além disso, fez-se inquirições precisas nas atas do I Congresso Brasileiro de Proteção à Infância e no conjunto das teses da I Conferência Nacional de Educação, na tentativa de indicar a permanência da infância na ordem do curso médico, a ênfase na necessidade de sua higienização e certos deslocamentos das representações.

### **Palavras-chave**

História da educação – Infância – Higiene – Educação escolar.

Correspondência para:  
José G. Gondra  
Rua Zamehof, 46 – apto. 202  
20240-070 Rio de Janeiro – RJ  
e-mail:  
gondra@domain.com.br

## **Sowing the future : hygiene and childhood in the 19<sup>th</sup> century**

José G. Gondra  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

### **Abstract**

*This paper presents a reflection and analysis of the construction of the idea of childhood in Brazil. Religion, science, progress, industry, commerce and civilization are some of the signs that have been part of the shaping and construction of this concept within the Brazilian context.*

*In face of the complexity of the issue, and of the proliferation of discourses about childhood, only one of them is examined here, a considerably influential discourse in the 19<sup>th</sup> century that rests upon an alliance between regenerating and civilizing. That formula, whose legitimacy was built inside the medical profession, determined that this work should focus the Medical School of Rio de Janeiro (FMRJ), one of the places where the issue of childhood was present throughout the 19<sup>th</sup> century.*

*With a view to analyze the representations made about childhood, part of the academic production of the Medical School of Rio de Janeiro was examined, specially the doctoral theses. Apart from that, judicious use was made of the proceedings of the First Brazilian Congress on the Protection of Childhood, and of the ensemble of theses from the First National Conference on Education, in an attempt to indicate the continuity of childhood as a theme in the medical discourse, the emphasis on the need of its hygiene, and certain displacements of representations.*

### **Keywords**

*History of education – Childhood – Hygiene – School education.*

**Correspondence:**  
José G. Gondra  
Rua Zamehof, 46 – apto.202  
20240-070 Rio de Janeiro – RJ  
e-mail:  
gondra@domain.com.br

O homem brasileiro nada tem de inferior ao de outras terras, ao contrário, em muitas coisas lhe é superior; o que lhe falta é instrução, educação higiênica, proteção sanitária desde o ventre materno.

Dr. Gouveia, 1922

O sonho de um mundo melhor e a necessidade de organizá-lo constituem-se em um discurso recorrente ao longo da história da Humanidade. Atingir tal finalidade vem sendo associada, de diferentes modos e, por vezes, combinadamente, ao apego à religião, à ciência, ao progresso, à indústria, à civilização e também à concepção e ao tratamento que se dispensam à infância, por exemplo. Nesse trabalho, trataremos do último aspecto, procurando refletir acerca da própria produção da ideia da infância no Brasil, das estratégias imaginadas para colocá-la na agenda das preocupações dos homens e das medidas pensadas para bem conformá-la.<sup>1</sup> Nessa direção, examinaremos os lugares em que o tema da infância comparecia regularmente ao longo do século XIX, de modo a analisar quais as representações que aí foram produzidas. Assim sendo, trabalhei com parte da produção da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (FMRJ), sobretudo com as teses defendidas pelos alunos ao final do curso, de modo a obter o título de Doutor. Em uma tentativa de indicar a permanência da infância na ordem do discurso médico, a ênfase na necessidade de sua higienização e dos cuidados das representações sobre essa questão, fiz incursões precisas nas atas do I Congresso Brasileiro de Proteção à Infância<sup>2</sup> e no conjunto das teses da I Conferência Nacional de Educação.<sup>3</sup>

Um primeiro aspecto observado nesse estudo refere-se à subordinação da infância a uma das áreas do curso médico: a de higiene. Nesse caso, a higiene é representada como ciência-matriz, a ponto de para uma higienizar a seguir da no interior da ordem médica, assim como em seu exterior. Higienizar a criança que suporta a higiene como discurso matricial, o que fica evidenciado em um conjunto de teses sustentadas na

FMRJ ao longo do século XIX. Dr. Coutinho, em 1857, ao introduzir o ponto de sua tese em que tratada a questão escolar, enaltece a higiene, criada, segundo ele, pela Humanidade em sua luta contínua contra a destruição. Para esse médico, desde os tempos remotos até os nossos dias, a conservação e o aperfeiçoamento da espécie humana eram considerados uma necessidade indispensável, sejam os “esplendores da civilização atual, nos desertos da Árabia, no centro da Grécia belicosa, seja no tempo das grandezas da Roma antiga”. Embora uma se revestisse do espírito religioso, outra se ostentasse no patriotismo espartano e outra tomasse a forma de princípio humanitário, era sempre “a higiene dictando os preceitos para a conservação e o aperfeiçoamento das forças humanas”, independentemente do espaço, do tempo e do princípio organizador das culturas.<sup>4</sup> Ao referir-se ao

1. Esse trabalho tem origem em minha tese de doutoramento, intitulada *Artes de Civilizar: Medicina, Higiene e Educação Escolar na Corte Imperial*.

2. Ocorrido no Rio de Janeiro, entre os dias 27 de agosto e 5 de setembro de 1922, organizado pelo Departamento da Criança no Brasil, contou com a inscrição de 2632 participantes, entre médicos, parlamentares, professores, representantes das delegações oficiais e de instituições públicas e privadas, advogados, religiosos, fazendeiros, comerciantes e engenheiros, dentre outros. Esse evento foi organizado em torno de cinco seções: 1- Sociologia e Legislação; 2- Assistência, 3- Pedagogia, 4- Medicina Infantil e 5- Higiene.

3. Evento organizado pela Associação Brasileira de Educação, com apoio do governo do Estado do Paraná, ocorrido em Curitiba, tendo sido aberto em 19 de dezembro de 1927. A I Conferência Nacional de Educação foi estruturada em torno de 5 comissões: duas do Ensino Primário, 1 do Ensino Secundário, 1 de Educação Higiênica e 1 do Ensino Superior. No total foram apresentadas 128 teses, distribuídas pelas comissões. No entanto, só foi possível recuperar 112 das teses e 14 pareceres referentes às não localizadas, sendo que em relação a duas, não foi possível localizar nem a própria tese, nem seu parecer (cf. INEP, 1997).

4. Aqui encontra-se presente o aspecto do uso “pedagógico” do passado para justificar o papel de saber-mestre que deveria ser atribuído à higiene. Deste modo, parece haver uma compreensão de história tal qual enunciada por Spencer (1886), isto é, só tem valor fazer e conhecer a história se ela tiver um uso prático, se puder funcionar como um guia para ação: “O que nos importa conhecer é a história natural da sociedade. Precisamos saber toda a ordem de factos que nos podem ajudar a compreender como se engrandeceu e se organizou uma nação” (p.53). Com isso, menos vale a distinção das sociedades trazidas como exemplo do que a incorporação por parte das mesmas de práticas higiênicas, causa do vigor dos homens e das sociedades. A respeito da concepção da história *magister vitae*, cf. Koselleck, s/d.

seu tempo, o médico fez questão de reafirmar o valor dessa ciência:

O século XIX deve dar a higiene o lugar que ela ocupa entre as ciências, os progressos da química, da física, da fisiologia, as observações meteorológicas prestão-lhe o contingente de suas leis, que se convertem em princípios higiênicos evitados e atenuando a acção dos agentes externos, e corrigindo a sua influência sobre as funções do organismo. Os Srs. Londe, Rostan, Tardeu, Levy e outros são os representantes da higiene actual, a qual se ainda não chegou ao seu maior grau de perfeição, mas com tudo uma página brilhante na ciência que ensina a conservar o organismo em seu perfeito estado funcional. (1857)

Evitar, atenuar, corrigir e conservar são constituídos em ações diretamente vinculadas à Higiene, recorrendo-a de uma perspectiva antecipatória, preditiva e preventiva. Marcas que, de sua parte, também produzem uma espécie de religião social de com que essa ciência se faz representar. Marcas que procuram deslocar a ênfase na cura para a ênfase na prevenção, processo cujos efeitos também são assinalados pelo Dr. Coutinho:

A higiene com seus progressos tem sido de influência incontestavelmente benéfica, a humanidade tem ganho por toda a parte, em que sua acção se faz sentir, como se prova com o aumento da vida média, e o desaparecimento de enfermidades endêmicas em certas localidades, mas tal vez que não seja possível à ciência humana obstar o aparecimento de epidemias que caminham do Oriente se propagação às populações do Occidente, zombando das melhores condições de localidade, de clima, de estação e de assento, como vimos no cólera-morbus, cuja marçha destruidora se estendia nos vales, galgava as colinas, e não respeitava nem condição social, nem sexo, nem idade. (1857)

Ao reconhecer e divulgar as contribuições da higiene, no sentido de aperfeiçoar e fazer progredir a Humanidade, esse médico vai construindo um argumento que procura produzir a legitimação do discurso higiênico, em cujo interior a infância e sua educação deveriam ser abrigadas. Coerente com esse raciocínio, invocou exemplos e modelos de boas práticas higiênicas. Segundo ele, a Europa, especialmente a França e a Alemanha, “não podiam ser indiferentes à higiene das primeiras idades”.<sup>5</sup> Nestes países, por ele considerada como cultos, “é a infância cercada de cuidados e só a desampa para quando adulta se confunde na massa comum da população”. Lembra, ainda, os auspícios recebidos pelas mães pobres mais próximas de dar à luz ao produto da concepção, a existência de creches que recebiam os meninos durante o período em que seus parentes se ocupavam nos trabalhos diários, as casas de expostos, as leis severas contra o infanticídio, as diferentes instituições caridosas voltadas para a infância, para os surdos-mudos e os cegos, que recebiam apoio e proteção dos homens de coração (sem o que, tantas vidas se consumiriam inúteis a si e à sociedade) e, do mesmo modo, a preocupação em formar os professores que cursavam aulas especiais. De acordo com Dr. Coutinho, tudo isto se observava e se praticava na Europa.<sup>6</sup> Ao se referir ao critério que indicava a qualidade dos estabelecimentos escolares, afirmava que o crédito obtido pelos colégios, na França, dependia do

5. Sobre a variação no conceito de infância, cf. Kuhlmann Jr, 2000, Leite, 1997, Marcílio, 1997 e 1998 e Priori, 1999. Nesse caso, também vale lembrar o clássico estudo de Ariès, 1981.

6. Teses médicas sustentadas em Paris e Montpellier permitem problematizar uma representação muito recorrente no Brasil oitocentista; a de que os problemas de higiene no chamado mundo civilizado já se encontravam solucionados no século XIX. Nessa lista de teses é possível perceber que o tema da higiene, de forma mais ampla, e o da higiene escolar, mais particularmente, ainda se constituíam em objeto de estudo dos médicos franceses, indicando, assim, que, pelo menos, uma fração da intelectualidade médica francesa não dava como resolvidos os problemas de higiene com os quais se deparava.

número de alunos premiados nos exames gerais, os quais eram feitos em comum e isentos do charlatanismo tão frequente em nossos colégios, finalizando em tom de denúncia.

### Higienizar os excluídos

Após a apresentação dos modelos de uma educação higiênica, Dr. Coutinho (1857) apresentava uma proposta para os colégios da Corte, que demonstrava tão bem conhecer, partindo do princípio de que não era somente a educação científica que mereceria cuidado, já que a educação física era convenientemente dirigida, na França e no restante da Europa, e a ginástica e as belas artes faziam parte importante da educação, desenvolvendo o corpo e corrigindo as naturezas ásperas. Com isto, o sentimento do belo, do justo e do honesto era inculcado na mocidade por intermédio dos diferentes ramos de ensino. Aqui, segundo ele, ao contrário, não poderia “deixar de mencionar o facto repugnante, e que se reproduz quasi quotidianamente no Rio de Janeiro; — fallamos do apparecimento de noticias que dão as folhas publicas de recém-nascidos espostos nas praças e praias da cidade”, lamentando ainda “a completa indifferença que existe a esse respeito que, segundo a expressão de um muito illustrado Len te da Escola, parece que o infanticídio é um crime tão fóra da índole de nos so povo que as autoridades policiaes se persuadem que estas exposições tem sempre por causa a miséria dos parentes, que impossibilita dos de enterrar os filhos, os lançam á caridade publica, e nunca se houve um crime afim de levar os criminosos aos tribunaes competentes.”<sup>7</sup>

Dois anos antes, a tese do Dr. Gonçalves (1855) explorava o tema dos enjeitados e, a par das duas doutrinas opostas sobre este tema, não oscilava associar-se àquela que conjugava o espírito cristão como o espírito da ciência médica. Nestes sentidos, este médico rejeita a posição que, segundo ele, era sustentada pelo Sr. Duchatel e por Lord Brougham, a qual não

previa qualquer assistência aos enjeitados já que, nesta linha de raciocínio, esta medida faria a população crescer sem limite e, como consequência, a própria miséria. Em posição diametralmente oposta, apóia-se em Isaías e São Mateus para afirmar que os verdadeiros católicos, tendo por norma os dois preceitos

**7.** O tema do infanticídio é tratado em um significativo número de teses apresentadas à FMRJ ao longo do século XIX. Este tema preocupava, sobretudo, pelo elevado índice de mortalidade infantil provocado por um conjunto de práticas, dentre as quais a Revista do IHGB (tomo 89, nº 143) destaca a ação das parteiras e do comércio de leite: “Cruz preta no portal de uma casa, indicava, nos tempos antigos, a residência de parteira. Disseminadas aqui e ali, pelos beccos e villas do Rio de Janeiro, não tinham mãos a medir. Sem leis coercitivas exerciam com plena liberdade os difficeis encargos da profissão. Depositarias de varios segredos, conhecedoras de muitas vergonhas e escandalos, gosavam de grande respeito e dispunham de grandes amizades. Dividiam-se em duas classes: a primeira, a mais numerosa, comprehendia as simples curiosas, aparadeiras, vulgarmente conhecidas pelo nome de comadres. Da segunda faziam parte as que tinham carta de approvação. O exame era prestado perante os commissarios do proto-medicato, e em tempos posteriores na presença do cirurgião-mór ou de seus delegados. No numero destas ultimas havia também escravas. É bem de ver que os proventos da profissão iam encher as algibeiras do feliz senhor, que tinha a felicidade de contar entre seus captivos uma mulata ou negra ladina, entendida em parto. Nos archivos de nossa Municipalidade devem existir ainda os registros dessas curiosas cartas de approvação. Ainda depois da Independencia custavam ellas: de feitos tres mil e duzentos, de assignatura mil e duzentos, e de impressão seis mil e quatrocentos réis. As curiosas por serem mais baratas, eram em geral encarregadas de levar á roda os recém-nascidos escravos, cujos senhores não queriam ter os incommodos da criação. Prestados os socorros á parturiente, voltava á noite a aparadeira e, mediante modica retribuição, recebia o fardo arrancado ás caricias da pobre mãe e o ia depositar na portinhola da Casa dos Expostos. Envolvidas na clássica mantilha, não eram poucos os sustos que soffriam: evitar as vistas dos transeuntes e as indagações dos quadrilheiros da policia do Vidigal famoso. Passados os dias de resguardo, constituia-se a parturiente captiva, lucrativa fonte de renda. O escravocrata logo a annunciava como perfeita ama de leite, sadia, muito carinhosa, que não era dada as bebidas, nem fujona. E a ganancia chegava a tal ponto que com o leite de um só parto houve escravas que faziam a criação successivamente de duas e tres crianças” (1924, p.413-414). A transformação desse tema em objeto de estudo dos médicos confirma a denúncia presente no discurso do Dr. Coutinho, em 1857. É possível pensar que a defesa do aleitamento materno defendido pelos médicos seria também uma estratégia para combater o comércio mercenário do leite e a exploração gananciosa que os senhores faziam de suas escravas, seja na qualidade de parteira, seja na de ama e, com isso, também constituíam a moda e o luxo feminino em práticas a serem erradicadas. Pode-se, ainda, associar ao tema do infanticídio as teses que tratam do aborto, gravidez, parto e do funcionamento das Casas dos Expostos. Um exemplo de tese que trata deste último ponto é a de Gonçalves (1855).

da religião, de amar a Deus e ao próximo, não poderiam admitir o abandono dos “engeitados”, sustentando que:

Para nós a criança, quer seja filha de união legítima, quer de uniões que a lei proíbe, tem igual direito ao interesse da sociedade; já nossas leis sabiamente dispostas, reconhecem este princípio outr’ora desprezado, em tempos de ignorância e barbarismo; sua beneficência não pode ainda infelizmente modificar a opinião pública que quase inflexível leva sua intolância; é pois bem triste que essa que não pôde resistir à linguagem dos sentidos, e da sedução, seja a única vítima da censura, e do desprezo da opinião pública, ao passo que seu próprio sedutor passa impune por seus crimes, zombando muitas vezes da miséria a que levou a infeliz. (1855)

Ao representar a mulher como vítima dos “sedutores”, ajuda a construí-la como objeto e não como responsável pela gravidez, caracterização que, por sua vez, justificaria o “perdão” e a proteção da mulher e da criança sob o manto da religião e da medicina, insatisfeitas com os índices de mortalidade infantil, sobretudo junto à população pobre. É com base nestas posições que eles sustentam a necessidade de criação dos “hospícios dos engeitados”, alegando que seria mais vantajoso socorrer os meninos pobres reunidos em uma casa comum, a qual garantiria a moralidade das crianças e das mães, bem como a proteção desatendidas. Em seguida, Dr. Gonçalves acrescentava que, ao se admitirem os “hospícios”, estariam sendo salvas as vidas de “muitos infelizes” que, caso contrário, poderiam ser objeto de aborto, de infanticídio ou de uma exposição inevitável. No entanto, a casa dos expostos deveria ser organizada segundo os preceitos da higiene, sob pena de se ver mantido o alarmante índice de mortalidade, o qual, de acordo com a estatística deste médico, atingia 82% na Casa dos Expostos do Rio de Janeiro. Uma exceção na li-

dade, comparada com o que ocorria em casas semelhantes em outras partes do Brasil e do exterior, como ele apresenta no mapa reproduzido no Quadro 1.

Ao apresentar esta tabela, Dr. Gonçalves destaca o elevado índice de mortalidade do Rio de Janeiro, após o que procura apontar as causas que, segundo ele, mais poderosamente concorriam para a grande “destruição de infelizes abandonados por seus pais, que, procurando no hospício a proteção, e amparo de sua vida”, só encontravam “um caminho mais curto para a sepultura”. Isto ocorria em virtude do estado da Casa dos Expostos do Rio de Janeiro: poucas acomodações para o número de crianças recebidas, falta de vigilância necessária, surtos epidêmicos de oftalmias, desinterias, tubérculos mesentéricos, sarampões e bexigas, contato entre os doentes, aleitamento coletivo, desprezo às regras de asseio e falta de equipamentos necessários à realização de algumas atividades clínicas.<sup>8</sup>

Adicionalmente, como causa, a própria idade: por ser a criança mais frágil, mais facilmente sucumbia às doenças e morria, além disso o próprio estado com que as crianças eram lançadas na “roda” (vindas de muito longe, sofrendo privações de toda a sorte, abalos consideráveis, expostas ao frio da noite ou ao calor do dia, por vezes depois de demoradas horas nas portas das igrejas ou nas escadas dos edifícios, ou então já quase a morrer) e, finalmente, a qualidade das amas. Tudo isto, combinado, explicava o elevado índice de mortalidade infantil. Ao traçar o mapa das causas, torna-se possível perceber as prescri-

8. Sobre a continuidade das Casas dos Expostos até meados do século XX, no Brasil, cf. Marcilio, 1997. Segundo essa autora, as Casas dos Expostos do Brasil foram as últimas do gênero existentes em todo o mundo ocidental. O fim dessas organizações coincidiu com o aparecimento de outras organizações voltadas para a infância. Sobre as Casas de Asilo em Portugal, cf. Fernandes, 2000, e sobre as creches e outras medidas de proteção e cuidado da infância no Brasil, cf. Kuhlmann Jr., 2000.

**Quadro 1.** Mapa da Mor te nas Ca sas dos Expos tos

	Anos	Existiam	Entraram	Total	Faleceram	Mortalidade
Rio de Janeiro	1852-53	70	560	630	515	82%
	1853-54	53	552	605	462	76%
	1854-55	76	528	604	275	45%
Campos	1853-54	224	65	289	33	12%
Porto Alegre	1853-54	186	72	258	45	14%
Bahia	1853-54	74	75	149	40	27%
Pernambuco	1853-54	274	119	393	79	21%
Portugal	1851-52	33.010	14.957	47.967	9.468	19%
	1852-53	33.832	15.358	49.190	9.899	20%
Lisboa	1853-54	—	—	1.843	347	19%
Coimbra	1853	833	470	1.303	152	11%
	1854	962	600	1.562	181	12%
Madeira	1853	978	212	1.190	125	10%
França	1845	96.788	25.239	122.027	12.592	11%
Paris	1852	14.039	3.303	17.342	2.006	11,5%
Madri	1854	4.957	1.860	6.817	1.596	23,5%

ções extraídas do guia da higiene no que diz respeito à manutenção da infância pobre e abandono da. Guia da higiene que, como o próprio Dr. Gonçalves afirma, encontrava-se em profunda sintonia com os preceitos da fé cristã. Guia, portanto, da razão e da fé, que pouco discutia as causas da pobreza, mas sim os procedimentos a serem adotados para cuidar dos deserdados, dos infelizes, dos enjeitados. Neste sentido, trata-se de uma representação em torno da pobreza que esboça aqui o que identifica como práticas da barbárie (o abandono dos enjeitados), naturalizando, contudo, a própria pobreza.

No “1º Congresso de Proteção à Infância” (1922), esse tema manteve-se presente, ampliando-se, contudo, o leque dos argumentos em favor da higienização da infância. Uma flexão, observável nesse momento, articula os argumentos médico-religiosos ao econômico. Com

esse deslocamento, o cuidado com a infância passa a ser representado como investimento, tendo em vista gerar/produzir sujeitos que pudessem ser integrados produtivamente ao mundo do trabalho. Nesse movimento, a proteção à infância encontrava outro motor.

Ao dirigir-se aos presentes na sessão de abertura desse evento, Dr. Fernando Magalhães<sup>9</sup> recoloca a preocupação em torno da infância, trazendo para o debate o aspecto econômico dessa questão. Para ele, o aproveitamento e avigoramento da criança representavam a economia, o acréscimo das forças vivas da nacionalidade. E indagava ao seu auditério: “De que vale a criação de criaturas para trazer ao Brasil imigrantes quando deixamos

9. Membro da Comissão Executiva desse evento, médico da FMRJ, diretor da “Pro Matre”. Esse discurso foi pronunciado em nome dos delegados oficiais dos Estados do Brasil.



emigrarem para a eternidade as creancinhas por falta de cuida dos?”<sup>10</sup> Em seguida, comenta e posiciona-se: “O problema da criação dos meninos deixou de ser uma questão de ordem puramente familiar para abranger múltiplos interesses de ordem social.” Nessa linha, ele afirma: “Uma criança que se perde, material ou moralmente, não significa sómente uma saudade para a família, uma vergonha para os pais; é, mais do isto, uma força que se perde para a sociedade” (1924, p.132). Nesses termos, a infância é mantida em discurso, instalando-a na condição de “maximo problema social”, mantendo-se igualmente a fórmula articulada em nome da higiene e de modo a resolvê-la, a qual encontra-se inscrita e expressa na gramática do guiar, ajudar, corrigir e substituir.

Para Dr. Magalhães (op. cit.), diferentes instituições deveriam conjugar tal gramática. Segundo ele:

No lar, na escola, nas oficinas diversas, a criança não pertence sómente à família, não cabe a esta cuidar de que ella viva, cresça, se desenvolva, se aperfeiçoe; á sociedade, aos governos cabe verificar, fiscalizar, assistir, defender no menino os seus proprios interesses, impedindo que elle seja mal ou insufficientemente nutrido, que se lhe exijam trabalhos intellectuaes ou physicos incompatíveis com as suas forças ou com a sua idade, que se lhe negue o pão do espirito ou se lhes crescem as flôres da virtude e do coração, que se veja elle exposto ao contagio das moléstias e dos vícios. (1924, p.133)<sup>11</sup>

Combinando e conjugando os esforços, obter-se-ia uma infância protegida, higienizada. Em consequência, obter-se-ia a própria de fesa da sociedade<sup>12</sup>, pois para o professor da FMRJ:

Surpresas admiraveissão com mettidas por cri- minosos profissionaes, rebeldes a todas as in- junções das leis e da moral, insensíveis á vergonha d apena, preguiçosos e debochados, cynicos e cupidos, viven do fóra da sociedade e á

sua custa, por que sua infancia foi mal ou não foi absolutamente protegida. Por outro lado a sociedade arrasta comsigo um enorme peso morto de individualidades inuteis, porque cre- anças não foram adaptadas á collectividade. Quando recolhemos um pequeno ser atirado sózinho na tumultuosas marêtas dos refolhos sociais, victimas de paes indig nos ou de taras profundas, não é elle que nós protegemos, são as pessoas honestas que defendemos; quando tentamos chamar ou fazer voltar á saude physica ou moral seres decadentes e fracos, ameaçados pela contaminação do crime, é a própria sociedade que defendemos contra aggressões, das quaes para ella mesma, o abandono das crianças consttue uma ameaça ou um pressa gio. (1924, p.133)

A manutenção da infância em discurso ocorre, portanto, com a agregação de novos elementos. Ao lado da economia, a defesa da sociedade, mais do que a defesa das individualidades das crianças, é eleita como razão para a proteção da infância. Ameaça ou pressa gio adjetivam os excluídos, aspectos que fundamentam a intervenção do Estado, qualificando o problema da infância ora como questão do Estado, ora como “magno problema social”. Ao admitir que a defesa da infância implicava a defesa da sociedade, Dr. Magalhães propõe que tal questão também pudesse ser percebida na órbita do “direito penal”, redimensionando mais uma vez o problema. Antes de finalizar seu discurso na abertura do referido evento, esse médico relembra uma afirmativa comum te ouvida: a de que “já não temos homens” e de que tudo se encontrava diminuído, degenerado e desmoralizado, em virtude do que exclamava:

**10.** De acordo com observação da ata, essa indagação foi objeto de “Applausos”.

**11.** Trecho objeto de “Muitos applausos”, de acordo com as atas do Congresso.

**12.** Uma reflexão instigante acerca dos procedimentos adotados em defesa da sociedade encontra-se em Foucault, 1999.

“somos um país de perdidos!”. Ele, então, dirige-se ao público: “Achaes assim? Julgaes des te modo? De quem a culpa? O que fa ze mos por prophylaxia? Não reagiremos? Deixaremos que a infecção se generalize no organismo social?” Ao co men tar o ques ti o ná rio que apre sentara ao público, ele assegura que se não “temos homens foi porque não foram bem aproveitados e dirigidos os meninos de ontem.”, re-indagando seus ouvintes (e futuros leitores): “Como cru zar os bra ços e não agir no sen ti do de for mar ho mens?”

Ao de ba ter essa úl ti ma in ter ro ga ção, pro cu ra con ven cer e en vol ver seu au di tó rio na luta em fa vor das idéias de fen di das e do pro gra ma proposto, reafirmando a tese da criança como “sementeira do porvir”, razão que o levava a con clamar todos a se aplicarem, com afinco, paixão e carinho, ao tra ba lho me ri tó rio de for mar em cada criança um homem digno de amanhã.

Na I Conferência Nacional de Educação (1927) a in fân cia per ma ne ce em dis cur so, o que pode se re vi den cia do na quan ti da de de te ses em que esse tema é tra ta do, cen tral ou la te ral men te. Dr. Be li sa rio Pen na, pre si den te da Co mis são de Educação Higiénica desse evento, em sua tese, analisa a ne cessi da de da edu ca ção hi giê ni ca. Apo i an do-se em um “no tá vel eu ge nis ta” es pa nhol<sup>13</sup>, chega a afirmar que “o problema hu ma no é um pro ble ma de hi gi e ne, re sol vi do o qual, de sa pa re ce rão as ca u sas da mis é ria hu ma na” (p.32). No caso do Bra sil, o pro ble ma de hi gi e ne, para o Dr. Pen na, atin gi a mais de 90% da po pu la ção que “não sabem ou não têm su fi ci en te mente educadas a in teligên cia e a von ta de para de fender e me lhorar in cessan te mente a pró pria vi da”. Sendo assim, continua, era evi den te que não con tri bu íam para a de fe sa e me lhor a men to da vi da da fa mí lia, da so ci e da de e da es pé cie. Ao con trá rio, afir ma, o con cur so de in dolentes, de depositários e propagadores de doenças e taras patológicas é o de con tí nua e pro gressiva de ge ne ra ção da fa mí lia, da so ci e da de e da es pé cie.

Não bas tas se esse qua dro, o mes mo en con tra va-se agra va do pois, segundo Dr. Penna, dos pou cos bra si le i ros que sa bem de fender e me lhor ar a pró pria vi da, in sig ni fi can te fra ção pre ocu pa va-se com a de fe sa e me lhor a men to da so ci e da de, con tan do-se pe los de dos os que co gi ta vam o a per fe i ço a men to da es pé cie. Aqui, Dr. Penna deixa pis tas para se com pre en der uma nova in ter ven ção jun to à in fân cia. Lado a lado com o ar gu men to eco nô mi co (me lhor ar a so ci e da de) e o ju ri di co (a de fe sa da so ci e da de), esse mé di co aco pla a ra zão eu gê ni ca (a per fe i ço a ra es pé cie), ad ver tin do que de pen de do po der e von ta de do ho mem “a pu rar as qua li da des, cor ri gir ou eli mi nar os de fei tos”, su pe ran do-se “no pro du to, ser vin do-se no jar dim do ma trimô nio com a von ta de firme de criar fi lhos e que es tes se jam me lho res do que os que o ge ra ram” (1997, p.33). A in ob ser vân cia dos “de ver es” so ci ais, mo rais e ra ci ais con du zi ria ao se guín te qua dro:

A in ob ser vân cia des ses de ver es é que acar re ta ma les pro fun dos e gra ves pe ri gos para os po vos que os es que cem ou des pre zam. São eles: a in dolên cia, a do en ça. O des ca so pela hi gi e ne fí si ca, men ta le mo ral, as in to xi ca ções eu for ís ti cas volun tá rias, os sui cí di o, os aten ta dos con tra os bens e di re i tos do pró xi mo, o ho mi cí di o, o ego ís mo, a fal sa con cep ção do ca sa men to, a de ge ne ra ção da ra ça, o lu xo, a con cupiscên cia, a pro sti tui ção, o jo go, a imo ra li da de, o la tro cí nio, a mor ta li da de in fan til, a ir re li gi o si da de, o an tí pa tri o tis mo, a cor rup ção, o su bor no, a ti ra nia, o pa vor à li ber da de e à ver da de e o pre do mínio da força so bre a jus ti ça e o di re i to. (1997, p.32)

No amplo rol dos efeitos da não obe diên cia aos pre ce i tos da hi gi e ne e da eu ge nia, o mé di co pre nun cia um qua dro de so la dor de

13. Qualificação atribuída pelo brasileiro a Luis Huerta.

modo a aglutinar todos em torno do projeto em que acreditava e com o qual entrava-se comprometido, individual e corporativamente, pois entendendo que o que enunciava estava autorizado pela ordem do curso da qual fazia parte, isto é, esse tipo de enunciação encontrava credenciado pela ordem médica. Nesse extenso conjunto, evidencia-se igualmente uma complexa combinação das razões para higienizar. No discurso do Dr. Penna incidem os argumentos religiosos, higiênicos, econômicos, jurídicos e eugênicos, convergindo todos para uma infância a ser modelada exemplarmente. Nessa tarefa, agências distintas deveriam cumprir tarefas específicas com sorciadas: a casa, o asilo e a escola. Agências já referidas ao longo do século XIX. No entanto, o centro desse trabalho foi constituído em torno da reflexão acerca da relação entre o discurso da higiene, infância e educação escolar.

No que se refere aos colégios, destina-se de uma infância mais afortunada, Dr. Coutinho (1857), para alterar o quadro de insensibilidade e impunidade que percebia, exortava a autoridade para que se procedesse à adoção dos preceitos higiênicos, pois os cuidados que se deviam prestar à infância eram “quasi desconhecidos entre nós; no que é relativo à educação, a higiene ainda não prescreveu o seu apoio, e seus preceitos ou são ignorados, ou desprezados em nossos colégios.” O tom, marca da mente de denúncia, parece acentuar-se quando se dirige a uma suposição tórica, existente à época, que apregoava a vida dos higiênicos ao mesmo tempo em que não criava condições para que os mesmos fossem efetivos: “Em nosso país, em que o charlatanismo e a especulação tem tomado proporções gigantescas.” Com relação ao charlatanismo, afirmava: “a educação não foi esquecida pelos flibusteiros que abundam no país; engendrou-se o programa collegial com todo o cortejo de promessas nunca realizadas.” Com relação à especulação, denunciava: “atrahe-se a concorrência de alumnos com pomposos annuncios, as sciencias, a

literatura, e as bellas-arts são garantidas á mocidade: promettem tudo e nada cumprem.” Aqui, também, é possível perceber, no reconhecimento da aquilo que não se realizava, a presença do debate acerca da higiene nos colégios, embora, segundo Dr. Coutinho, o que se verificava era uma discrepância entre as propostas higiênicas e os atos efetivos.

Do ponto de vista dos atos, ao finalizar sua pregação em favor da higiene, ciência agregadora dos aspectos físicos, intelectuais e morais da educação escolar, insistiu no tom de denúncia ao se referir à perplexidade dos pais no momento de enviar seus filhos aos colégios, fosse pelo caráter especulativo e perigoso das casas de educação, fosse pela qualidade dos diretores dos estabelecimentos escolares, bem como a de seus professores:

Aqueles que não ignorão o estado de nossos collegios ficão perplexos quando tem de enviarem seus filhos á instrucção secundaria; e com razão, porque exceptuando poucos dignos collegios que conhecemos, os outros não são mais do que casas de especulação immoral e perigosa.

Os exames publicos a que fôrão obrigados os directores e professores mostrão a sua ignorancia, e não é para admirar que muitos canditados não conseguem com os exames actuaes se matricularem nas academias do Imperio; isto em relação á instrucção litteraria. A educação moral e religiosa é desgraçadamente nulla; a incredulidade vai se generalizando em nossa mocidade com todas as suas consequências fataes; o desanimamento nos corações jovens, cria rizes perniciosas, e é o caminho seguro para o scepticismo que mata a crença, que braços laços que unem os individuos entre si, desvirtua as forças da intelligencia e aniquila as tendencias humanitarias. (1857)

De posse dos modelos bem sucedidos no emprego dos preceitos higiênicos, Dr. Coutinho classificava o que via no Rio de Janeiro

como algo a ser superado pela obediência à doutrina do higiênismo, isto é, ao saber médico, cujo raio de ação procura atingir o ser humano nas suas dimensões física, moral e intelectual, constituidor de uma trindade pedagógica, fundada, amparada e legitimada pela ordem médica. Assim, guiada pela ordem médica, estar-se-ia procedendo a uma operação com um duplo efeito: higienizar as “casas de educação” e dar à higiene o lugar de proeminência entre as mais ciências que floresciam (química, física, fisiologia e meteorologia).

### **A higiene como ciência da infância**

Dr. Guimarães, em 1858, retomava de feição a higiene alavancando-a à condição de “Ciência da Infância”. Ao discutir as competências na educação dos filhos, afirmava haver três grandes agentes que deveriam participar desta tarefa: as mães, os pais e a higiene. O extenso discurso sobre a “Ciência da Infância” é bastante expressivo do modo como os médicos representavam a educação escolar, impondo a estes os princípios, métodos e procedimentos oriundos daquela. Sobre os agentes, defende uma educação pública que subtraísse a criança da influência única e exclusiva do ambiente familiar, posto que o Estado queria marcar seu filhos, educando-os. O Império desejava constituir seus súditos, não mais cabendo, portanto, uma educação exclusivamente doméstica, em que as mães cuidassem da formação moral e os pais, da formação intelectual. Defendia, contra esse formato, uma educação em que a família se constituísse em torno da criança, não cabendo, portanto, a separação de competências entre o pai e a mãe; o que aliteraria o próprio conceito de família e o lugar da educação no seu interior.<sup>14</sup> Defende, do mesmo modo, que a educação não se esgotasse nesse novo modelo de funcionamento familiar, sustentando a necessidade de uma educação pública a ser desenvolvida sob os auspícios da higiene:

Não admitimos como quer Mr. A. Martin, que sejam as mães as únicas encarregadas da direcção moral de seus filhos, ficando reservado aos pais o cuidado da instrução puramente. Com efeito pela própria lei da natureza a mãe deverá ter uma grande parte na educação dos primeiros annos tanto moral como de outra especie, mas pretender negar ao pai uma parte n'esta doce e sublimetarefa seria cruel, prejudicial e até mesmo impossivel. A harmonia, que deve subsistir entre o pai e o filho se romperia ficando aquelle extranho á formação do coração d'este; um desacordo continuo reinaria entre o esposo e a esposa intervindo aquelle muitas vezes de uma maneira contraria á estas relações sentimentaes de seus filhos.

Aos pais portanto, como temos visto, pertence uma parte d'esta dupla tarefa e á hygiene, como veremos é reservada outra. A hygiene, o mais importante dos ramos da Medicina, como diz o nosso distincto medico Sr. Dr. Thomaz Gomes dos Santos, virá fornecer os meios de prolongar estas existencias vacillantes e de combater victoriosamente sua fraqueza nativa.

Esta sciencia da infancia virá nos trazer ás familias e aos directores dos estabelecimentos publicos e particulares a importancia que deve medir a constituição, temperamento, fraqueza e disposições morbidas da infancia, e ensinar-lhes a obviar estes inconvenientes oppondo-lhes uma alimentação variada e escolhida, ar, agua, lo gar, clima adequado, uma gymnastica proporcionada e até mesmo agentes medicamentosos. (1858)

**14.** Sobre a confluência entre o modelo familiar nuclear e o modelo escolar moderno, o estudo de Ariès (1981) constitui-se em referência obrigatória. No discurso do Dr. Guimarães é possível entrever a articulação, presente em sua defesa, entre uma “educação pública” e o reconhecimento das famílias, redefinindo e alterando, assim, as competências de pais, mães e as do próprio Estado. Para o caso brasileiro, o estudo de Costa (1989) indica, com um bom nível de precisão, como o processo de constituição da família conjugal foi representado pela ordem médica que, deste modo, procurou constituir-la.

Como se pode verificar, o brado deste médico em favor da higiene, elevando-a à condição de grande ciência da infância, produz uma representação que a transforma em molde dos modos familiares, particulares e estáis de educar e formar o bom homem social. Ciência esta que, para atingir seus fins generativos – cuidar e elevar os débeis – poderia, inclusive, fazer uso da arte de formular, isto é, dos aspectos médicos mentos, o que sugere uma representação amplificada deste ramo da medicina, que, nesse discurso, se encontra elevada ao lugar “mais nobre e importante”.

Neste sentido, não é de se estranhar que este traço também esteja presente na tese sustentada pelo Dr. Armonde em 1874. No prefácio, logo no primeiro parágrafo, sua Maria apresenta o pessoal e o seu interesse pelo “ponto” escolhido:

Eis-nos, jovem tímido, intelligencia pobre de illustração, espirito pouco affeito ás lidas que occupão os animos superiores e consummados pensadores, encetando um escripto publico sobre o assumpto do mais palpitante interesse, a synthese de todos os problemas sociais – a educação.

O médico, ao se envolver no desafio de produzir um escripto público em que passa ao papel “apouca das reflexões” e a “observação de algumas cousas relativas á educação na Côte” toma para si um objecto que, segundo ele, era a síntese de todos os problemas sociais. Esta escolha não se constitui em uma escolha estritamente individual, mas profundamente controlada pelos discursos que a corporação médica elege como prioritários ao longo da formação, na conclusão do curso e também no exercício profissional. Após explicar o valor do tema trabalhado, caracteriza, em seguida, o que entende como “Ciência da Infância”. No ponto escolhido e desenvolvido pelo Dr. Armonde, ele procura, nesta perspectiva, valorizar a área de higiene no interior do campo médico:

A Higiene é a primeira das sciencias. Realiza o ultimo desideratum de Hypocrates, é a aspiração principal do homem, dando-lhe a felicidade possível na vida; a hygiene é o succo doce de todos os fructos colhidos pelos cultivadores dos diversos e numerozinhos ramos da grande arvore das Sciencias Medicas.

Como uma mãe extrema para a humanidade, ella afasta de nós, e mi nu ci o sa men te, to dos os obstáculos que possam impedir ou perturbar a nossa vida. Mais pi e do sa que a propria Therapeutica, evita as molestias, que a esta só é dado curar. (1874)

A dissertação do Dr. Armonde fortalece a crença do poder da higiene, posto que esta “mãe extrema” era a responsável por provocar um deslocamento no funcionamento da medicina, cujas preocupações, conforme os princípios da higiene, deveriam migrar da “cura” para a “prevenção”. É, pois, com o entendimento de que as intervenções educacionais se contravam-se marca das por um caráter preventivo que o autor de sen vol ve a sua dissertação, do que também decorria o seu interesse (e o da medicina) pela educação. Ainda no prefácio, o Dr. Armonde sinaliza para o tratamento que daria aos diferentes aspectos contidos em seu ponto. Assim, ele enuncia seu protocolo de leitura:

Á medida que dis correr mos, fallaremos das relações existentes entre esse estado e a saúde dos habitantes, procurando mostrar que molestias ha entre nós, cujo desenvolvimento é devido á imperfeita educação; concluindo que, com o aperfeiçoamento desta, muito ganharão o nosso estado sanitario e a nossa civilisação, a nossa futura grandeza, seja material ou moral. A educação, to dos o sa bem, com pre hen de tres ramos: educação physica, moral e intellectual. Tão in timas são as relações que en tre si guar da esta tri pli ce ra mi fi ca ção, que mu i tas ques tões não po dem ser comple ta men te classi fi ca das em um ramo, por se li ga rem igual men te aos ou tros.

Tra tan do de uma ques tão de edu ca ção physi ca, por exem plo, nada mais na tu ral do que pas sar-se insensivelmente para uma questão de educação mo ral ou in tel lec tu al. Uma das dif fi cul da des do nos so pon to está, pois, pre ci sa men te nes sa in ti ma cor re la ção, nes sa qua se in se pa ra bi li da de das ques tões. (1874)

Dr. Armonde explicita, por tan to, em seu protocolo o interesse pela “imperfeita educação” na sua “tríplice ramificação”(física, intelectual e moral), a qual carecia de aperfeiçoamento e que, se efetivada sob os auspícios da medicina, interferiria positivamente na produção de “nos sa fu tu ra gran de za”. Isto é, o tri un fo do Império encontrava-se subordinado a uma cadeia de relações causais, que teria em sua pon ta ini cial a hi gi e ne, a qual de ter mi na ria uma boa edu ca ção que, por sua vez, se ria de ci si va na cons tru ção de um bom es ta do sa ni tá rio, uma boa civilização e, conseqüentemente, a grande za ma te ri al e mo ral do país, es ta be le cen do, des te mo do, uma hi e ra r quia de sa be res e de po de res. Neste sentido, nas teses médicas da FMRJ, pode-se perceber que, apesar de posi ções di fe ren cia das acer ca de ques tões es pe cí fi cas, tais como o papel da igreja, da educação fe mi ni na e da ob ri ga to ri e da de do en si no, a ên fa se an un cia da na for ma ção da mo ci da de é de sen vol vi da se gun do um mo de lo dis cursi vo mar ca do pelos elementos da modéstia, da autoridade (pela eru di ção e co nhe ci men to do pas sa do) e de relevância do tema estudado, bem como pela defesa de uma rede hierárquica de po der, em cuja ori gem e pon to su pe ri or lo ca li za va-se a “Ciên cia da Infân cia”.

### **A higiene no discurso professoral**

O discurso da hi gi e ne, no en tan to, não se cons ti tu ía em uma parti cu la ri da de dos con clu in tes do curso de me di ci na. Tam bém era le gi ti ma do jun to ao cor po do cen te da fa cul da de. O mé di co-professor Car los Ro dri gues Vas con cel los, ao con cor rer ao car go de Len te de Hi gi e ne

da FMRJ, foi ob ri ga do, pe los dis po si ti vos es ta tu tá ri os, a es cre ver e de fen der uma tese so bre esse tema, intitulada “Higiene Escolar”. Essa tese, contudo, distingue-se das demais pelo fato de pre ten der abor dar um úni co pon to, a hi gi e ne es co lar, e en con trar-se ma te ri al mente estruturada de modo distinto, já que possui capa e dados institucionais imediata mente se gui dos pelo texto prop ri a men te di to. Não encontramos, por tan to, nem a se ção de agradecimentos, nem a nota avaliativa, tam pou co os aforismos de Hipócrates. Registro uma ou tra dis tin ção, que se re fe re à pre sen ça de imagens gráficas no corpo do trabalho, dis pos tas ao fi nal do mes mo, em que o le i tor tem acesso aos desenhos de diferentes tipos de mo bi lí a ri os co lar re fe ri dos pelo au tor em seu dis curso, quan do de di ca-se a abor dar essa problemática, pro curando com pa ra r os mo de los exis ten tes no mun do, suas ca rac te rís ti cas e van ta gens. É man ti da, con tu do, a nota de que “A Fa cul da de não ap pro va nem re pro va as opi ni ões emi ttidas nas theses que lhes são apre sentadas.”

O dis curso do Dr. Vas con cel los em tor no da ques tão da hi gi e ne en con tra-se or ga ni za do em cinco blocos: Introdução, Internatos e Externatos, A Escola, o Aluno e Moléstias Escolares. Na introdução, o autor procurou res sal tar a re le vâ n cia do tema a que se de di ca va, bem como a abor da gem de sen vol vi da. Para ele, a hi gi e ne es co lar cons ti tu ía-se em um as sun to que pre o cu pa va o espí ri to dos hi gi e nis tas fazendo com que os múltiplos e variados ele men tos de aná li se en con tra dos nos es ta be le ci men tos es co la res es ti ves sem des pertando a atividade de um grupo de trabalhadores que clamava “todos os dias pelas urgentes reformas de que necessita esse ramo da hygiene.” Reforma esta que, na ótica des se mé di co, de veria con ju gar di fe ren tes fa cul da des do ho mem, rompendo com uma tradição da Antigüidade em que os povos es meravam-se na edu ca ção fi si ca dos ado les cen tes, mas des prezavam o lado intelectual. Em sua época,

registra que ocorria um movimento oposto, isto é, em vez de ginásios onde se formavam grandes atletas, “ve-mos pre-di-os e par-di-e-i-ros onde as crianças vão iniciar-se no culto dessas deusa atrahentes, difficeis de se mostrar – A Ciência ou a Arte –, mas ácus ta do de sen vol vi men to physico, ácus ta da sa u de.” Ao concluir o diagnóstico da educação de seu tempo, afirma que os adolescentes são vítimas “immoladas em honra da educação pela tuberculose, escrophulose, rachitismo, etc., ou deixando impressos os caracteres dos vícios de conformação adquiridos nesse meio ainda tão descurado entre nós”. Para sustentar sua posição, recorreu a um higienista italiano<sup>15</sup> que confirmava a necessidade imperiosa de se dedicar atenção à escola e de reformá-la a partir dos postulados higienistas: “La scuola è il sacro Paladio ove è riposto l’avvenire della nazione.” Descrita como sagrado palácio, a escola deveria ser ordenada pelos princípios, métodos e prescrições da higiene, de modo a poder formar sujeitos fortes, saudáveis, inteligentes e moralizados que, com essas características, alcerçariam a nação, constituindo-se em base segura para um futuro idealizado como grandioso.

Países<sup>16</sup>, personagens<sup>17</sup>, levantamentos<sup>18</sup>, procedimentos<sup>19</sup> e estratégias<sup>20</sup> integram a trama discursiva desse médico, cujo objetivo é convencer a todos de que o investimento em educação constitui-se em um esforço que poderia ser largamente compensado quando se restituísse à “sociedade as crianças que foram entregues aos estabelecimentos de educação, educadas, fortes, robustas e aptas para pagarem com usura o empréstimo que contrairam com ela indiretamente.” Ao encerrar sua introdução, ele busca reconhecer que seu trabalho não era completo, assinalando que os problemas que abordava requereriam estudos especiais, o que era incompatível com as características de uma tese. Todavia, afirma que em sua tese estavam indicados “os verdadeiros princípios em que se deve basear higienistas e constructores”, e que se sentiria suficientemente recompensado se tivesse a

fortuna de ver “attendidas as nossas reclamações”.

Neste conjunto de observações, fica ressaltada a presença de traços de um padrão discursivo identificado nas teses médicas: humildade, erudição, autoridade, valorização do objeto estudado e hierarquização de saberes tendo, como base, a ciência da higiene. No que se refere às representações deste último médico sobre o objeto educacional propriamente dito, verifica-se que ele propõe a realização de uma ampla cruzada moralizadora, combatendo veementemente o modelo escolar dos internatos, sendo este ponto merecedor de destaque, pois é possível, com isto, perceber uma disputa entre a forma escolar mais identificada com o modelo religioso – dos seminários/mosteiros, de uma vida

15. Fazio, *Tratado de Igiene*, de 1886.

16. França, Alemanha, Inglaterra, Bélgica, Suíça, Áustria, Itália, e até mesmo, segundo ele, a “tyrannisada” Rússia; nesta sequência.

17. Rousseau (*Emile*), Montaigne (*Essais*, livro I), Locke (*Education des Enfants*, 1821) e Brouzet (*Essai sur l’education medicinale des enfants et sur leurs maladies*, 1754).

18. Apresenta dados de um recenseamento da Corte, de 1872, para provar que o número de crianças frequentadoras de escolas já era bastante significativo. De acordo com esse censo, na Corte havia 67.064 crianças e, desse total, 15.923 encontravam-se matriculadas em uma rede de 192 escolas gratuitas (públicas e subvencionadas) e pagas. Desse quantitativo de escolas, 94 eram gratuitas, sendo 46 voltada para o ensino masculino e 48 para o público feminino. Neste censo discrimina-se ainda o público das escolas públicas e particulares quanto ao gênero, sendo encontrados 4.734 alunos e 4.588 alunas na rede pública e 3.470 meninos e 3.131 meninas nas escolas da rede privada.

19. Segundo ele, as conferências e exposições escolares que aconteciam eram interessantes, mas pouco práticas do ponto de vista da higiene escolar, sobretudo porque ainda tratavam as crianças de modo fragmentado, abandonando o trabalho corporal/físico.

20. Reconhece que já se dispendia uma grande soma com o ramo escolar, apesar do atraso em que o mesmo ainda se encontrava, o que poderia nos levar à conclusão de que o problema era, então, de gerenciamento dos recursos. Este problema até poderia existir, mas este médico aponta, também, para a necessidade de elevação dos recursos a serem gastos com educação, propondo um imposto pequeno por habitante, a exemplo do que, segundo ele, já era praticado na maior parte dos países estrangeiros. A inclusão de um “imposto escolar” também esteve presente no horizonte do poder executivo central a ponto de, no relatório ministerial de 1879, o Ministro Carlos Leôncio de Carvalho defendê-lo como alternativa para o problema do financiamento da educação.

reclusa – e aquele de fendi do pela higiene. Neste sentido, cabe acompanhar o seu posicionamento sobre este aspecto da cruzada moralizadora que pretendia ver deflagrada.

### Higiene e o combate à reclusão

A principal reclamação do Dr. Vasconcellos, em sua tese de 1888, refere-se ao desprezo pelas regras de higiene escolar, o que terminava por orientar as demais reclamações que apresenta em seu discurso. No item intitulado “Internatos e Externatos”, exprime uma recusa veemente com relação aos internatos que, para ele, se constituíam em uma das fontes de enfraquecimento orgânico e de decadência da espécie, pois aquele modelo de escola não possuía “interesse único na educação generosa da mocidade e no cumprimento da missão sagrada de entregar à pátria cidadãos robustos e aptos para todos os mistérios”. Ao contrário, o interesse único dos internatos residiria, segundo ele, no maior ou menor lucro que lhes poderia advir do ensino. Além deste aspecto, enumerava outros que também condenava como, por exemplo, o regime disciplinar que aprisionava as crianças, a alimentação quase sempre mal preparada, mal escolhida, mal distribuída e “não raro às vezes pouco asséptica”, a ausência de vigilância nos dormitórios, o número excessivo de alunos e o longo tempo de estudo.

Ao concluir sua exortação contra os internatos, o Dr. Vasconcellos recorreu à Arnould<sup>21</sup> que afirmava “o internato é deplorável a todos os respeito”, sendo “nullo para a educação e torna-se odioso para os pensionistas.”<sup>22</sup> O médico brasileiro reconhecia, contudo, a utilidade dos internatos para os meninos que não possuíam família próxima da localidade em que o colégio estivesse instalado, ou quando o menino precisasse de “sujeição”. Nesses dois casos, considerava dos como exceção, mais do que em qualquer outro, os internatos deveriam ser organizados sob a égide da

higiene e presididos pelos seus cânones, de modo a evitar desregramentos, desencaminhamentos, entrega à vida agitada das paixões e abandono completo dos deveres de aluno.

Contra o modelo dos internatos, o professor da FMRJ defendia a adoção dos externatos como padrão que, na perspectiva adotada, deveriam ser localizados, construídos, organizados e mantidos sob todas as regras que a higiene e a pedagogia prescreviam, de modo a preencher “completamente a missão” a que se destinavam. Com isso, enumerava as vantagens deste modelo:

Com efeito, terminada a tarefa escolar, o aluno regressa para a sua casa, onde, além dos cuidados da família, em contraliberdade de exercício, sem sujeitar-se a determinadas convenções disciplinares.

O exercício que ele faz quando se dirige para a escola, ou quando d’ahi sae, produz a mais benéfica influência sobre o organismo; o aluno deixa a atmosphera sobrecarregada de exhalações das salas dos collegios e aspi ra, pelo menos durante um certo tempo (duas a quatro vezes por dia), um ar mais puro e mais livre. (1888)

O externato permitiria às crianças uma espécie de liberdade, ao mesmo tempo em que as obrigava a um exercício físico diário em virtude do deslocamento que teriam de realizar entre a casa e a escola. Este é, portanto, o modelo de escola apregoado pelo Dr. Vasconcellos, especialmente porque:

Desgracadamente, raro não é o collegio entre nós que pos sue, já não di zemos boas, regulares condições de hygiene. Em geral as salas

21. *Traité de Hygiene Publique et Privée*, p.1122.

22. Partilha da crítica formulada por Hippeau em seu relatório (1871), aproximando-se, deste modo, do modelo que segundo o relator francês encontrava-se em voga nos EUA.



acanhadas, mal ventiladas, mal iluminadas, sem a conveniente orientação, sem espaço suficiente para recreios, latrinas, etc.; além disso, um numero de alumnosahi acumulados, excedendo do do bro, do tri plo e além da lo ta ção ma xi - ma. (1888)

A defesa dos externatos encontra-se, portanto, ancora da no argumen to de que a sa í - da da crian ça do pré di o es co lar é po si ti va, vis to que a arquitetura do mesmo era con tra - indicada, pois não aten dia aos co e fi ci en tes higiê nico - san itá rios<sup>23</sup> re co men da dos pe los mé - di cos, sen do a sa í da dos es pa ços es co la res um procedimen to que funcionaria como linha de fuga, possibilitando ao aluno uma vida mais saudável do ponto de vista físico e moral. Na ten ta ti va de am pli ar a sus ten ta ção de seus ar - gumen tos, recorreu a um le van ta men to pro du - zido pelo Delegado de Instrução da Freguesia de São Cristóvão, Sr. Silva Santos. Apo i a do nes - se levantamento, Dr. Vasconcellos conclui:

Ago ra, se con si de rar mos de um lado os gran des inconvenientes da ag glo me ra ção e de ou tro os que re sul tam da im pro pri e da de dos pré di os, so - bre tu do de par ti cu la res, que são uti li za dos para tão exi gen te ob jec ti vo, baldos das prin ci pa es con di ções que a hy gi ene con tem po ra nea pres - cre ve e ca pa zes de se ri os ri sos pela fal ta de re - gu lar dis tri bu i ção da luz na tu ral e da re no va ção methodica e completa do ar respiravel que os alumnos de vem con su mi r du ran te mu i tas ho ras no de cur so de 300 dias do anno, a ima gi na ção certamente não attinge de presente a enorme som ma de pre ju i zos physi cos e mo ra es que em taes estabelecimentos se preparam ou se con - sum mam em nome da ca ri da de e do pro gres so. (1888)

É, pois, preocupado com a formação in - telectual, moral e física da juven tud e masculina e fe mi ni na que esse mé di co apre sen ta um con - jun to de me di das ori en ta do ras da re for ma pro - fun da a que pre ten dia sub me ter os ex ter na tos,

vol ta dos para toda a po pu la ção, e os in ter na - tos (ape nas os que fos sem com pro va da men te necessários). Tais medidas possuíam como pon to de ori gem co mum a dou tri na da hi giê - ne<sup>24</sup>, mãe ex tre mo sa que de ve ria gui ar o modo de con ce ber, es tru tu rar, edi fi car e de fun ci o - nar dos colégios, intervindo, dessa maneira, na for ma ção da juven tud e e, por con se quin te, na própria construção do futuro da Corte Imperial e da pátria brasileira. Posicionan - do - se con tra a cla su ra dos in ter na tos / se mi - ná rios, esse mé di co po si ci o na - se, igualmente, con tra a es co la uni di men si o nal, isto é, aque la preocupada fundamental e exclusivamente com a formação intelectual. Assim, com ba - tendo uma forma escolar, combatia também um modelopedagógico.

Ao percorrer a questão do conceito de educação partilha do pelos médicos por in ter - médio de uma série documental constituída por teses de fen di das, na FMRJ, en tre 1854 e 1888, foi possível acom pa nhar a ma nu ten ção do padrão discursivo e a existência de algu - mas ten sões nes te pe rí o do. Do que foi pos sí - vel perceber, para efeito de conclusão da análise do esforço dos médicos em produzir consenso em torno do corpo doutrinário da hi giê ne, des ta ca ria uma in sis tên cia e uma re - pe ti ção pre sen tes, seja nas tes es que apre sen -

**23.** O autor apresenta dados de um levantamento realizado em 15 colégios que atesta que os coeficientes de iluminação, ventilação e ar permanente comportariam apenas 1.145 alunos distribuídos em 618 para as escolas de meninas e 597 para os cursos de rapazes, de um total de 1.633 matriculados. Os dados funcionam para provar que o excesso de alunos é algo que deveria ser combatido em favor da boa higiene escolar.

**24.** Sobre o amplo arco de competências a ser recoberto pela higiene, o Dr. Vasconcellos afirma: "Não ha desconhecer-se que a hygiene escolar joga com todos os elementos da materia da hygiene, quer individualmente, quer em coletividade; não se póde, pois, exigir os preceitos de edificação, exposição, disposição, etc., estejam na dependencia dos preceptores; não, pertence aos hygienistas estipulal-os, aos governos a sua determinação e aos engenheiros a sua execução." Este discurso, além de assinalar a amplitude do arco higienista, também hierarquiza e ordena posições. No princípio e no fim, a higiene, na medida em que são os higienistas os formuladores e seriam, eles também, os fiscalizadores. Produtores e gerentes da ordem escolar, portanto.

tam um recorte mais específico pelo tema da educação física, seja nas de mais. Seja nas que procuram tematizar de modo mais enfático os “colégios”, seja naquelas cujas preocupações giravam em torno da preocupação com a “formação da mocidade” carioca/fluminense. Insistência no poder da higiene. Repetição na compreensão da necessidade de se fazer uma intervenção higiênica que articulasse, cimentasse e desenvolvesse, simultaneamente, as três dimensões do homem, reconhecidas e referidas pelo discurso da “mãe extrema-sa”: a moral, a física e a intelectual. Insistindo e circulando em torno desses princípios, os médicos procuraram instituir uma tripla representação dos colégios, que se manifestava em forma de combate. Combate à escola exclusivamente do físico, à escola exclusivamente do intelectual e à escola exclusivamente voltada para a formação moral. Recusa, pois, à manutenção da escola-ginásio, da escola-cárcere<sup>25</sup> e da escola-igreja.<sup>26</sup>

Na nova ordem pedagógica imaginada pela higiene, não mais caberia culpar a faculdade do homem de modo exclusivo e mutuamente excludente. Nesse sentido, os higienistas rechaçavam a crença de um programa de formação inspirado no absolutismo de qualquer um dos fragmentos humanos, construindo, então, a crença na trindade pedagógica, fundida sob o calor dos saberes da higiene. Na ordem médico-higiênica, era tempo de integrar as dimensões humanas que, tradicionalmente, até o século XIX, na Corte Imperial e no Brasil, vinham sendo concebidas e tratadas isoladamente. Era tempo de uma nova religiosidade, ancorada no saber-poder da ciência. Era tempo de instituir uma nova representação dos colégios, das políticas públicas voltadas para a educação e, também, de novas práticas escolares. Era, enfim, chegado o tempo da trindade pedagógica e da utopia de intervir na formação de um homem novo. Novo por que bem constituído física, moral e intelectualmente. Novo por que inscrito em uma percepção do homem e da sociedade que buscava legitimar-se como

nova, em um tempo no qual se dirigiam ações rumo à modernização da sociedade, do trabalho, da economia e da escola. Era tempo de urbanização e de aburguesamento. Portanto, também era tempo de higienização.

Higienização escolar que, recobrando diversos aspectos (circumfusa, ingesta e aplicada, dentre outros), desdobrava-se também na partilha de conceitos referentes à produção de um corpo educado, de faculdade desintelectuais higienizadas e do patrocínio e estímulo àquilo que os próprios médicos designam de “ginástica da vontade”, isto é, a definição da própria moral do homem, que deveria presidir as práticas escolares. No interior desse complexo e descontínuo arcabouço discursivo, a idéia de infância e de educação escolar são constituídos simultaneamente, solidária e mutuamente dependentes. Com isso, ao representar a infância como o “porvir do amanhã”, acionando o argumento da religião-caridade, da prevenção, da economia, da eugenia ou mesmo do direito, tal esforço colabora para se construir a representação da escola higiênica – higienizada e higienizadora – como incubadora de um “amanhã” regido e controlado pela racionalidade comprometida com uma ordem que produzia seus “engeitados” e “incluídos”, tanto como enunciava dispositivos voltados mais para a redução dos efeitos das desigualdades existentes entre uns e outros do que propriamente para a erradicação de suas efetivas motivações.

Nesses termos, torna-se possível relativizar a reação “indignada” do Dr. Moncorvo

**25.** Valho-me dessa associação porque os médicos, ao criticarem a escola do imobilismo e dos longos tempos dedicados ao estudo, freqüentemente associavam essa modalidade de ensino àquela preocupada exclusivamente com o desenvolvimento intelectual dos alunos e, desta forma, para eles, constituíam-se em verdadeiras prisões para os jovens.

**26.** Hippeau (1871) trabalha com associações semelhantes ao combater os internatos que, segundo ele, eram uma “triste mistura de claustro e quartel”.

Filho (1922) a Gustave Le Bon que, segundo ele, “ignominiosamente”, “com ignorância deplorável” do Brasil, representou-nos como “um povo decadente e ‘trop libéral pour des races sans energie et sans volonté...’” Contra essa posição, recusando esse suposto traço natural do povo brasileiro, dirigindo-se à audiência da sessão de abertura do I Congresso Brasileiro de Proteção à Infância, o médico brasileiro afirmava: “Senhores, pôde ser que laboremos em erro. Esta mos, porém, convencidos de que o nosso trabalho, no sentido de conseguir para o nosso Brasil o melhor por vir, deverá ser cuidar desveladamente, dessa

geração que amanhã bem dirá os nossos esforços, as nossas lutas e as nossas vitórias.” (1922, p.129). Assim, coloca na intervenção continuada junto às crianças toda a responsabilidade pelo futuro grandioso que idealizava e prometia, cujo alcance dependia de uma infância devidamente higienizada, mesmo que tal estratégia produzisse, legitimasse e terminasse por naturalizar as desigualdades da “geração do amanhã”, o que, de sua parte, colaborava para manter viva a representação do eugenista francês que deixava o médico brasileiro “tão indignado”.

## Referências bibliográficas

- ARIËS, P. *História social da criança e da família*. 2. ed.. Trad. de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- ARMONDE, Amaro Ferreira das Neves. *Da educação física, intelectual e moral da mocidade no Rio de Janeiro, e de sua influência sobre a saúde*. Rio de Janeiro: Typ. do Apostolo, 1874.
- COSTA, Juran dir F. *Ordem médica e norma familiar*. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- COSTA, Maria J. F. F.; SHENA, Denise R.; SCHIMDT, Maria A. (Orgs.) *1ª Conferência Nacional de Educação*. Brasília: MEC/INEP-IPARDES, 1997.
- COUTINHO, Cândido Teixeira de Azere do. *Esboço de uma hygie ne dos col leg ios applica vel aos nos sos*: regras principais e ten den tes á con ser va ção da sa u de e ao de sen vol vi men to das for ças physi cas e in tel lec tu a es, se gun do as qua es se de vem re gu lar os nos sos col leg ios. Rio de Janeiro: Typo graphia Uni ver sal de La em mer t, 1857.
- DEPARTAMENTO DA CRIANÇA NO BRASIL. I Congresso Brasileiro de Proteção à Infância. 6º Boletim (1921-1922). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1924.
- FERNANDES, Rogério. Orientações pedagógicas das “Casas de Asilo da Infância Desvalida” (1834-1840). *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 109, p.89-114, mar. 2000.
- FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade*. Trad. de Maria E. Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- GONÇALVES, Francisco de Paula Lázaro. *Que regimem será mais conveniente para a criação dos expostos da Santa Casa da Misericórdia, attentas as nossas circumstancias especiaes, acriação em comum dentro do hospicio, ou a priva da em casas particula res?* Rio de Janeiro: Typo graphia Uni ver sal de La em mert, 1855.
- GONDRA, J. G. *Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na Corte Imperial*. São Paulo, 2000. Tese (Doutorado) Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.
- \_\_\_\_\_. *Medicina, higiene e educação escolar*. In: LOPES, Eliane M. T.; FARIA FILHO, Luciano M.; VEIGA, Cynthia G. *500 anos de educação no Brasil*. 2. ed.. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- GUIMARÃES, Antenor A. R. *A hygie ne dos col leg ios applica vel aos nos sos*: es bo ço das re gras prin ci pa es ten den tes á con ser va ção da sa u de e ao de sen vol vi men to das for ças physi cas e in tel lec tu a es, se gun do as qua es se de vem re ger os nos sos col leg ios. Rio de Janeiro: Typo graphia Impar ci al de J. M. Nunes Gar cia, 1858.

- HIPPEAU, C. *L'instruction publique aux États-Unis: écoles publiques, collèges, universités, écoles spéciales*. 2. ed. Paris: Didier, 1872.
- KOSELLECK, R. *Le futur pas sé: contributions à la séman tique des temps his to ri ques*. Tra du it par Jo chen Ho ock; Marie Cla i re Ho ock. Pa ris: Édi ti ons de l'éco les des ha u tes étu des en sci en ces so ci a les, s. d.
- KUHLMANN JR., Moy sés. Edu can do a in fân cia bra si le i ra. In: LOPES, Eli a ne Mar ta T.; FARIA FILHO, Lu ci a no M.; VEIGA, Cynthia G. *500 anos de edu ca ção no Bra sil*. 2. ed. Belo Ho ri zon te: Au tên ti ca, 2000.
- LEITE, Mi ri am L. M. A in fân cia no sé cu lo XIX se gun do me mó ria e li vros de vi a gens. In: FREITAS, Mar cos Ce zar de. (Org.) *His tó ria so ci al da in fân cia no Bra sil*. São Pa u lo: Cor tez/USF, 1997.
- MARCILIO, Ma ria Lu i za. A roda dos ex pos tos e a cri an ça aban do na da na His tó ria do Bra sil (1726-1950). In: FREITAS, Mar cos Ce zar de. (Org.) *His tó ria so ci al da in fân cia no Bra sil*. São Pa u lo: Cor tez/USF, 1997.
- \_\_\_\_\_. *His tó ria so ci al da cri an ça aban do na da*. São Pa u lo: HUCITEC, 1998.
- SPENCER, Her bert. *Da edu ca ção in tel ec tu al, mo ra le ph ys i ca*. Lis boa: Edi to ra Lit te ra ria Flum i nen se, 1886.
- PRIORI, Mary del (Org.). *His tó ria das cri an ças no Bra sil*. São Pa u lo: Con tex to, 1999.
- VASCONCELLOS, Carlos Rodrigues. *Hygiene Escolar: suas aplicações á Cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança, 1888.

*Re ce bi do em 31.08.00*

*Apro va do em 07.11.00*

**José G. Gon dra** é pro fes sor ad jun to na Uni ver si da de Esta du al do Rio de Jane i ro (UERJ), co or de na dor da área de His tó ria da Edu ca ção e Dou tor em Edu ca ção pela USP, na área de His tó ria da edu ca ção e his to ri o gra fia.

## **A sementeira do porvir : higiene e infância no século XIX**

José G. Gondra  
*Universidade do Estado do Rio de Janeiro*

### **Resumo**

Este artigo apresenta uma análise e reflexão sobre a produção da idéia da infância no Brasil. Religião, ciência, progresso, indústria, comércio e civilização são alguns dos signos que têm participado da configuração e construção desse conceito no contexto brasileiro.

Diante da complexidade da questão e da proliferação dos discursos sobre a infância, examina-se aqui um deles, bastante expressivo no século XIX, que incide na combinação entre regenerar e civilizar. Esta fórmula, cuja legitimidade foi forjada no interior da ordem médica, determinou que o trabalho viesse a focalizar a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (FMRJ), um dos lugares em que o tema da infância esteve presente regularmente ao longo do século XIX.

Com a perspectiva de analisar as representações que a respeito da infância foram produzidas, trabalhou-se com parte da produção da FMRJ, sobretudo com as teses de licenciatura dos alunos ao final do curso para a obtenção do título de doutor. Além disso, fez-se inquéritos precisos nas atas do I Congresso Brasileiro de Proteção à Infância e no conjunto das teses da I Conferência Nacional de Educação, na tentativa de indicar a permanência da infância na ordem do curso médico, a ênfase na necessidade de sua higienização e certos deslocamentos das representações.

### **Palavras-chave**

História da educação – Infância – Higiene – Educação escolar.

Correspondência para:  
José G. Gondra  
Rua Zamehof, 46 – apto. 202  
20240-070 Rio de Janeiro – RJ  
e-mail:  
gondra@domain.com.br

## **Sowing the future : hygiene and childhood in the 19<sup>th</sup> century**

José G. Gondra  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

### **Abstract**

*This paper presents a reflection and analysis of the construction of the idea of childhood in Brazil. Religion, science, progress, industry, commerce and civilization are some of the signs that have been part of the shaping and construction of this concept within the Brazilian context.*

*In face of the complexity of the issue, and of the proliferation of discourses about childhood, only one of them is examined here, a considerably influential discourse in the 19<sup>th</sup> century that rests upon an alliance between regenerating and civilizing. That formula, whose legitimacy was built inside the medical profession, determined that this work should focus the Medical School of Rio de Janeiro (FMRJ), one of the places where the issue of childhood was present throughout the 19<sup>th</sup> century.*

*With a view to analyze the representations made about childhood, part of the academic production of the Medical School of Rio de Janeiro was examined, specially the doctoral theses. Apart from that, judicious use was made of the proceedings of the First Brazilian Congress on the Protection of Childhood, and of the ensemble of theses from the First National Conference on Education, in an attempt to indicate the continuity of childhood as a theme in the medical discourse, the emphasis on the need of its hygiene, and certain displacements of representations.*

### **Keywords**

*History of education – Childhood – Hygiene – School education.*

**Correspondence:**  
José G. Gondra  
Rua Zamehof, 46 – apto.202  
20240-070 Rio de Janeiro – RJ  
e-mail:  
gondra@domain.com.br

O homem brasileiro nada tem de inferior ao de outras terras, ao contrário, em muitas coisas lhe é superior; o que lhe falta é instrução, educação higiênica, proteção sanitária desde o ventre materno.

Dr. Gouveia, 1922

O sonho de um mundo melhor e a necessidade de organizá-lo constituem-se em um discurso recorrente ao longo da história da Humanidade. Atingir tal finalidade vem sendo associada, de diferentes modos e, por vezes, combinadamente, ao apego à religião, à ciência, ao progresso, à indústria, à civilização e também à concepção e ao tratamento que se dispensam à infância, por exemplo. Nesse trabalho, trataremos do último aspecto, procurando refletir acerca da própria produção da ideia da infância no Brasil, das estratégias imaginadas para colocá-la na agenda das preocupações dos homens e das medidas pensadas para bem conformá-la.<sup>1</sup> Nessa direção, examinaremos os lugares em que o tema da infância comparecia regularmente ao longo do século XIX, de modo a analisar quais as representações que aí foram produzidas. Assim sendo, trabalhei com parte da produção da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (FMRJ), sobretudo com as teses defendidas pelos alunos ao final do curso, de modo a obter o título de Doutor. Em uma tentativa de indicar a permanência da infância na ordem do discurso médico, a ênfase na necessidade de sua higienização e dos cuidados das representações sobre essa questão, fiz incursões precisas nas atas do I Congresso Brasileiro de Proteção à Infância<sup>2</sup> e no conjunto das teses da I Conferência Nacional de Educação.<sup>3</sup>

Um primeiro aspecto observado nesse estudo refere-se à subordinação da infância a uma das áreas do curso médico: a de higiene. Nesse caso, a higiene é representada como ciência-matriz, a ponto de para uma hipotetizar que a seguir da no interior da ordem médica, assim como em seu exterior. Hipotetizar que se põe a higiene como discurso matricial, o que fica evidenciado em um conjunto de teses sustentadas na

FMRJ ao longo do século XIX. Dr. Coutinho, em 1857, ao introduzir o ponto de sua tese em que trata da questão escolar, enaltece a higiene, criada, segundo ele, pela Humanidade em sua luta contínua contra a destruição. Para esse médico, desde os tempos remotos até os nossos dias, a conservação e o aperfeiçoamento da espécie humana eram considerados uma necessidade indispensável, sejam os “esplendores da civilização atual, nos desertos da Árabia, no centro da Grécia belicosa, seja no tempo das grandezas da Roma antiga”. Embora uma se revestisse do espírito religioso, outra ostentasse o patriotismo espartano e outra tomasse a forma de princípio humanitário, era sempre “a higiene dictando os preceitos para a conservação e o aperfeiçoamento das forças humanas”, independentemente do espaço, do tempo e do princípio organizador das culturas.<sup>4</sup> Ao referir-se ao

1. Esse trabalho tem origem em minha tese de doutoramento, intitulada *Artes de Civilizar: Medicina, Higiene e Educação Escolar na Corte Imperial*.

2. Ocorrido no Rio de Janeiro, entre os dias 27 de agosto e 5 de setembro de 1922, organizado pelo Departamento da Criança no Brasil, contou com a inscrição de 2632 participantes, entre médicos, parlamentares, professores, representantes das delegações oficiais e de instituições públicas e privadas, advogados, religiosos, fazendeiros, comerciantes e engenheiros, dentre outros. Esse evento foi organizado em torno de cinco seções: 1- Sociologia e Legislação; 2- Assistência, 3- Pedagogia, 4- Medicina Infantil e 5- Higiene.

3. Evento organizado pela Associação Brasileira de Educação, com apoio do governo do Estado do Paraná, ocorrido em Curitiba, tendo sido aberto em 19 de dezembro de 1927. A I Conferência Nacional de Educação foi estruturada em torno de 5 comissões: duas do Ensino Primário, 1 do Ensino Secundário, 1 de Educação Higiênica e 1 do Ensino Superior. No total foram apresentadas 128 teses, distribuídas pelas comissões. No entanto, só foi possível recuperar 112 das teses e 14 pareceres referentes às não localizadas, sendo que em relação a duas, não foi possível localizar nem a própria tese, nem seu parecer (cf. INEP, 1997).

4. Aqui encontra-se presente o aspecto do uso “pedagógico” do passado para justificar o papel de saber-mestre que deveria ser atribuído à higiene. Deste modo, parece haver uma compreensão de história tal qual enunciada por Spencer (1886), isto é, só tem valor fazer e conhecer a história se ela tiver um uso prático, se puder funcionar como um guia para ação: “O que nos importa conhecer é a história natural da sociedade. Precisamos saber toda a ordem de factos que nos podem ajudar a compreender como se engrandeceu e se organizou uma nação” (p.53). Com isso, menos vale a distinção das sociedades trazidas como exemplo do que a incorporação por parte das mesmas de práticas higiênicas, causa do vigor dos homens e das sociedades. A respeito da concepção da história *magister vitae*, cf. Koselleck, s/d.

seu tempo, o médico fez questão de reafirmar o valor dessa ciência:

O século XIX deve dar a higiene o lugar que ella occupa entre as sciencias, os progressos da chimica, da physica, da physiologia, as observações meteorologicas prestão-lhe o contingente de suas leis, que se convertem em principios hygienicos evitados e atenuando a acção dos agentes externos, e corrigindo a sua influencia sobre as funcções do organismo. Os Srs. Londe, Rostan, Tardeu, Levy e outros são os representantes da hygiene actual, a qual se ainda não chegou ao seu maior gráo de perfeição, mas com tudo uma paginabrilhante na sciencia que ensina a conservar o organismo em seu perfeito estado functional. (1857)

Evitar, atenuar, corrigir e conservar são constituídos em ações diretamente vinculadas à Higiene, recorrendo-a de uma perspectiva antecipatória, preditiva e preventiva. Marcas que, de sua parte, também produzem uma espécie de religião social de com que essa ciência se faz representar. Marcas que procuram deslocar a ênfase na cura para a ênfase na prevenção, processo cujos efeitos também são assinalados pelo Dr. Coutinho:

A hygiene com seus progressos tem sido de influencia incontestavelmente benéfica, a humanidade tem ganho por toda a parte, em que sua acção se faz sentir, como se prova com o augmento da vida media, e o desaparecimento de enfermidades endemicas em certas localidades, mas tal vez que não seja possível á sciencia humana obstar o apparecimento de epidemias que caminham do Oriente se propagação ás populações do Occidente, zombando das melhores condições de localidade, de clima, de estação e de asseio, como vimos no cholera-morbus, cuja marçades truído ra se estendia nos valles, galgava as collinas, e não respeitava nem condição social, nem sexo, nem idade. (1857)

Ao reconhecer e divulgar as contribuições da higiene, no sentido de aperfeiçoar e fazer progredir a Humanidade, esse médico vai construindo um argumento que procura produzir a legitimação do discurso higiênico, em cujo interior a infância e sua educação deveriam ser abrigadas. Coerente com esse raciocínio, invocou exemplos e modelos de boas práticas higiênicas. Segundo ele, a Europa, especialmente a França e a Alemanha, “não podiam ser indiferentes á hygiene das primeiras idades”.<sup>5</sup> Nestes países, por ele considerada como cultos, “é a infancia cercada de cuidados e só a desampa para quando adulta se confunde na massa com mum da população”. Lembra, ainda, os auspícios recebidos pelas mães pobres mais próximas de dar à luz ao produto da concepção, a existência de creches que recebiam os meninos durante o período em que seus parentes se ocupavam nos trabalhos diurnos, as casas de expostos, as leis severas contra o infanticídio, as diferentes instituições caridosas voltadas para a infância, para os surdos-mudos e os cegos, que recebiam apoio e proteção dos homens de coração (sem o que, tantas vidas se consumiriam inúteis a si e à sociedade) e, do mesmo modo, a preocupação em formar os professores que cursavam aulas especiais. De acordo com Dr. Coutinho, tudo isto se observava e se praticava na Europa.<sup>6</sup> Ao se referir ao critério que indicava a qualidade dos estabelecimentos escolares, afirmava que o crédito obtido pelos colégios, na França, dependia do

5. Sobre a variação no conceito de infância, cf. Kuhlmann Jr, 2000, Leite, 1997, Marcílio, 1997 e 1998 e Priori, 1999. Nesse caso, também vale lembrar o clássico estudo de Ariès, 1981.

6. Teses médicas sustentadas em Paris e Montpellier permitem problematizar uma representação muito recorrente no Brasil oitocentista; a de que os problemas de higiene no chamado mundo civilizado já se encontravam solucionados no século XIX. Nessa lista de teses é possível perceber que o tema da higiene, de forma mais ampla, e o da higiene escolar, mais particularmente, ainda se constituíam em objeto de estudo dos médicos franceses, indicando, assim, que, pelo menos, uma fração da intelectualidade médica francesa não dava como resolvidos os problemas de higiene com os quais se deparava.



número de alunos premiados nos exames gerais, os quais eram feitos em comum e isentos do charlatanismo tão frequente em nossos colégios, finalizando em tom de denúncia.

### Higienizar os excluídos

Após a apresentação dos modelos de uma educação higiênica, Dr. Coutinho (1857) apresentava uma proposta para os colégios da Corte, que demonstrava tão bem conhecer, partindo do princípio de que não era somente a educação científica que mereceria cuidado, já que a educação física era convenientemente dirigida, na França e no restante da Europa, e a ginástica e as belas artes faziam parte importante da educação, desenvolvendo o corpo e corrigindo as naturezas ásperas. Com isto, o sentimento do belo, do justo e do honesto era inculcado na mocidade por intermédio dos diferentes ramos de ensino. Aqui, segundo ele, ao contrário, não poderia “deixar de mencionar o facto repugnante, e que se reproduz quasi quotidianamente no Rio de Janeiro; — fallamos do apparecimento de noticias que dão as folhas publicas de recém-nascidos espostos nas praças e praias da cidade”, lamentando ainda “a completa indifferença que existe a esse respeito que, segundo a expressão de um muito illustrado Len te da Escola, parece que o infanticídio é um crime tão fóra da indole de nos so povo que as autoridades policia esse persuadem que estas exposições tem sempre por causa a miséria dos parentes, que impossibilita dos de enterrar os filhos, os lançam á caridade publica, e nunca se houve um crime afim de levar os criminosos aos tribunaes competentes.”<sup>7</sup>

Dois anos antes, a tese do Dr. Gonçalves (1855) explorava o tema dos enjeitados e, a par das duas doutrinas opostas sobre este tema, não oscilava associar-se àquela que conjugava o espírito cristão como o espírito da ciência médica. Nestes sentidos, este médico rejeita a posição que, segundo ele, era sustentada pelo Sr. Duchatel e por Lord Brougham, a qual não

previa qualquer assistência aos enjeitados já que, nesta linha de raciocínio, esta medida faria a população crescer sem limite e, como consequência, a própria miséria. Em posição diametralmente oposta, apóia-se em Isaías e São Mateus para afirmar que os verdadeiros católicos, tendo por norma os dois preceitos

**7.** O tema do infanticídio é tratado em um significativo número de teses apresentadas à FMRJ ao longo do século XIX. Este tema preocupava, sobretudo, pelo elevado índice de mortalidade infantil provocado por um conjunto de práticas, dentre as quais a Revista do IHGB (tomo 89, nº 143) destaca a ação das parteiras e do comércio de leite: “Cruz preta no portal de uma casa, indicava, nos tempos antigos, a residência de parteira. Disseminadas aqui e ali, pelos beccos e villas do Rio de Janeiro, não tinham mãos a medir. Sem leis coercitivas exerciam com plena liberdade os difficeis encargos da profissão. Depositarias de varios segredos, conhecedoras de muitas vergonhas e escandalos, gosavam de grande respeito e dispunham de grandes amizades. Dividiam-se em duas classes: a primeira, a mais numerosa, comprehendia as simples curiosas, aparadeiras, vulgarmente conhecidas pelo nome de comadres. Da segunda faziam parte as que tinham carta de approvação. O exame era prestado perante os commissarios do proto-medicato, e em tempos posteriores na presença do cirurgião-mór ou de seus delegados. No numero destas ultimas havia também escravas. É bem de ver que os proventos da profissão iam encher as algibeiras do feliz senhor, que tinha a felicidade de contar entre seus captivos uma mulata ou negra ladina, entendida em parto. Nos archivos de nossa Municipalidade devem existir ainda os registros dessas curiosas cartas de approvação. Ainda depois da Independencia custavam ellas: de feitos tres mil e duzentos, de assignatura mil e duzentos, e de impressão seis mil e quatrocentos réis. As curiosas por serem mais baratas, eram em geral encarregadas de levar á roda os recém-nascidos escravos, cujos senhores não queriam ter os incommodos da criação. Prestados os socorros á parturiente, voltava á noite a aparadeira e, mediante modica retribuição, recebia o fardo arrancado ás caricias da pobre mãe e o ia depositar na portinhola da Casa dos Expostos. Envolvidas na clássica mantilha, não eram poucos os sustos que soffriam: evitar as vistas dos transeuntes e as indagações dos quadrilheiros da policia do Vidigal famoso. Passados os dias de resguardo, constituia-se a parturiente captiva, lucrativa fonte de renda. O escravocrata logo a annunciava como perfeita ama de leite, sadia, muito carinhosa, que não era dada as bebidas, nem fujona. E a ganancia chegava a tal ponto que com o leite de um só parto houve escravas que faziam a criação successivamente de duas e tres crianças” (1924, p.413-414). A transformação desse tema em objeto de estudo dos médicos confirma a denúncia presente no discurso do Dr. Coutinho, em 1857. É possível pensar que a defesa do aleitamento materno defendido pelos médicos seria também uma estratégia para combater o comércio mercenário do leite e a exploração gananciosa que os senhores faziam de suas escravas, seja na qualidade de parteira, seja na de ama e, com isso, também constituíam a moda e o luxo feminino em práticas a serem erradicadas. Pode-se, ainda, associar ao tema do infanticídio as teses que tratam do aborto, gravidez, parto e do funcionamento das Casas dos Expostos. Um exemplo de tese que trata deste último ponto é a de Gonçalves (1855).

da religião, de amar a Deus e ao próximo, não poderiam admitir o abandono dos “engeitados”, sustentando que:

Para nós a criança, quer seja filha de união legítima, quer de uniões que a lei proíbe, tem igual direito ao interesse da sociedade; já nossas leis sabiamente dispostas, reconhecem este princípio outr’ora desprezado, em tempos de ignorância e barbarismo; sua beneficência não pode ainda infelizmente modificar a opinião pública que quase inflexível leva sua intolância; é pois bem triste que essa que não pôde resistir à linguagem dos sentidos, e da sedução, seja a única vítima da censura, e do desprezo da opinião pública, ao passo que seu próprio sedutor passa impune por seus crimes, zombando muitas vezes da miséria a que levou a infeliz. (1855)

Ao representar a mulher como vítima dos “sedutores”, ajuda a construí-la como objeto e não como responsável pela gravidez, caracterização que, por sua vez, justificaria o “perdão” e a proteção da mulher e da criança sob o manto da religião e da medicina, insatisfeitas com os índices de mortalidade infantil, sobretudo junto à população pobre. É com base nestas posições que eles sustentam a necessidade de criação dos “hospícios dos engeitados”, alegando que seria mais vantajoso socorrer os meninos pobres reunidos em uma casa comum, a qual garantiria a moralidade das crianças e das mães, bem como a proteção desatendidas. Em seguida, Dr. Gonçalves acrescentava que, ao se admitirem os “hospícios”, estariam sendo salvas as vidas de “muitos infelizes” que, caso contrário, poderiam ser objeto de aborto, de infanticídio ou de uma exposição inevitável. No entanto, a casa dos expostos deveria ser organizada segundo os preceitos da higiene, sob pena de se ver mantido o alarmante índice de mortalidade, o qual, de acordo com a estatística deste médico, atingia 82% na Casa dos Expostos do Rio de Janeiro. Uma exceção na li-

dade, comparada com o que ocorria em casas semelhantes em outras cidades do Brasil e do exterior, como ele apresenta no mapa reproduzido no Quadro 1.

Ao apresentar esta tabela, Dr. Gonçalves destaca o elevado índice de mortalidade do Rio de Janeiro, após o que procura apontar as causas que, segundo ele, mais poderosamente concorriam para a grande “destruição de infelizes abandonados por seus pais, que, procurando no hospício a proteção, e amparo de sua vida”, só encontravam “um caminho mais curto para a sepultura”. Isto ocorria em virtude do estado da Casa dos Expostos do Rio de Janeiro: poucas acomodações para o número de crianças recebidas, falta de vigilância necessária, surtos epidêmicos de oftalmias, desinterias, tubérculos mesentéricos, sarampões e bexigas, contato entre os doentes, aleitamento coletivo, desprezo às regras de asseio e falta de equipamentos necessários à realização de algumas atividades clínicas.<sup>8</sup>

Adicionalmente, como causa, a própria idade: por ser a criança mais frágil, mais facilmente sucumbia às doenças e morria, além disso o próprio estado com que as crianças eram lançadas na “roda” (vindas de muito longe, sofrendo privações de toda a sorte, abalos consideráveis, expostas ao frio da noite ou ao calor do dia, por vezes depois de demoradas horas nas portas das igrejas ou nas escadas dos edifícios, ou então já quase a morrer) e, finalmente, a qualidade das amas. Tudo isto, combinado, explicava o elevado índice de mortalidade infantil. Ao traçar o mapa das causas, torna-se possível perceber as prescri-

8. Sobre a continuidade das Casas dos Expostos até meados do século XX, no Brasil, cf. Marcilio, 1997. Segundo essa autora, as Casas dos Expostos do Brasil foram as últimas do gênero existentes em todo o mundo ocidental. O fim dessas organizações coincidiu com o aparecimento de outras organizações voltadas para a infância. Sobre as Casas de Asilo em Portugal, cf. Fernandes, 2000, e sobre as creches e outras medidas de proteção e cuidado da infância no Brasil, cf. Kuhlmann Jr., 2000.

**Quadro 1.** Mapa da Mor te nas Ca sas dos Expos tos

	Anos	Existiam	Entraram	Total	Faleceram	Mortalidade
Rio de Janeiro	1852-53	70	560	630	515	82%
	1853-54	53	552	605	462	76%
	1854-55	76	528	604	275	45%
Campos	1853-54	224	65	289	33	12%
Porto Alegre	1853-54	186	72	258	45	14%
Bahia	1853-54	74	75	149	40	27%
Pernambuco	1853-54	274	119	393	79	21%
Portugal	1851-52	33.010	14.957	47.967	9.468	19%
	1852-53	33.832	15.358	49.190	9.899	20%
Lisboa	1853-54	—	—	1.843	347	19%
Coimbra	1853	833	470	1.303	152	11%
	1854	962	600	1.562	181	12%
Madeira	1853	978	212	1.190	125	10%
França	1845	96.788	25.239	122.027	12.592	11%
Paris	1852	14.039	3.303	17.342	2.006	11,5%
Madri	1854	4.957	1.860	6.817	1.596	23,5%

ções extraídas do guia da higiene no que diz respeito à manutenção da infância pobre e abandono da. Guia da higiene que, como o próprio Dr. Gonçalves afirma, encontrava-se em profunda sintonia com os preceitos da fé cristã. Guia, portanto, da razão e da fé, que pouco discutia as causas da pobreza, mas sim os procedimentos a serem adotados para cuidar dos deserdados, dos infelizes, dos enjeitados. Neste sentido, trata-se de uma representação em torno da pobreza que esboça aqui o que identifica como práticas da barbárie (o abandono dos enjeitados), naturalizando, contudo, a própria pobreza.

No “1º Congresso de Proteção à Infância” (1922), esse tema manteve-se presente, ampliando-se, contudo, o leque dos argumentos em favor da higienização da infância. Uma flexão, observável nesse momento, articula os argumentos médico-religiosos ao econômico. Com

esse deslocamento, o cuidado com a infância passa a ser representado como investimento, tendo em vista gerar/produzir sujeitos que pudessem ser integrados produtivamente ao mundo do trabalho. Nesse movimento, a proteção à infância encontrava outro motor.

Ao dirigir-se aos presentes na sessão de abertura desse evento, Dr. Fernando Magalhães<sup>9</sup> recoloca a preocupação em torno da infância, trazendo para o debate o aspecto econômico dessa questão. Para ele, o aproveitamento e avigoramento da criança representavam a economia, o acréscimo das forças vivas da nacionalidade. E indagava ao seu auditério: “De que vale a criação de criaturas para trazer ao Brasil imigrantes quando deixamos

9. Membro da Comissão Executiva desse evento, médico da FMRJ, diretor da “Pro Matre”. Esse discurso foi pronunciado em nome dos delegados oficiais dos Estados do Brasil.

emigrarem para a eternidade as creancinhas por falta de cuida dos?”<sup>10</sup> Em seguida, comenta e posiciona-se: “O problema da criação dos meninos deixou de ser uma questão de ordem puramente familiar para abranger múltiplos interesses de ordem social.” Nessa linha, ele afirma: “Uma criança que se perde, material ou moralmente, não significa sómente uma saudade para a família, uma vergonha para os pais; é, mais do isto, uma força que se perde para a sociedade” (1924, p.132). Nesses termos, a infância é mantida em discurso, instalando-a na condição de “maximo problema social”, mantendo-se igualmente a fórmula articulada em nome da higiene e de modo a resolvê-la, a qual encontra-se inscrita e expressa na gramática do guiar, ajudar, corrigir e substituir.

Para Dr. Magalhães (op. cit.), diferentes instituições deveriam conjugar tal gramática. Segundo ele:

No lar, na escola, nas oficinas diversas, a criança não pertence sómente à família, não cabe a esta cuidar de que ella viva, cresça, se desenvolva, se aperfeiçoe; á sociedade, aos governos cabe verificar, fiscalizar, assistir, defender no menino os seus proprios interesses, impedindo que elle seja mal ou insufficientemente nutrido, que se lhe exijam trabalhos intellectuaes ou physicos incompatíveis com as suas forças ou com a sua idade, que se lhe negue o pão do espirito ou se lhes crescem as flôres da virtude e do coração, que se veja elle exposto ao contagio das moléstias e dos vícios. (1924, p.133)<sup>11</sup>

Combinando e conjugando os esforços, obter-se-ia uma infância protegida, higienizada. Em consequência, obter-se-ia a própria de fesa da sociedade<sup>12</sup>, pois para o professor da FMRJ:

Surpresas admiraveissão com mettidas por cri- minosos profissionaes, rebeldes a todas as in- junções das leis e da moral, insensíveis á vergonha d apena, preguiçosos e debochados, cynicos e cupidos, viven do fóra da sociedade e á

sua custa, por que sua infancia foi mal ou não foi absolutamente protegida. Por outro lado a sociedade arrasta comsigo um enorme peso morto de individualidades inúteis, porque cre- anças não foram adaptadas á collectividade. Quando recolhemos um pequeno ser atirado sózinho na tumultuosas marêtas dos refolhos sociais, victimas de paes indig nos ou de taras profundas, não é elle que nós protegemos, são as pessoas honestas que defendemos; quando tentamos chamar ou fazer voltar á saude physica ou moral seres decadentes e fracos, ameaçados pela contaminação do crime, é a própria sociedade que defendemos contra aggressões, das quaes para ella mesma, o abandono das crianças constitue uma ameaça ou um pressa gio. (1924, p.133)

A manutenção da infância em discurso ocorre, portanto, com a agregação de novos elementos. Ao lado da economia, a defesa da sociedade, mais do que a defesa das individualidades das crianças, é eleita como razão para a proteção da infância. Ameaça ou pressa gio adjetivam os excluídos, aspectos que fundamentam a intervenção do Estado, qualificando o problema da infância ora como questão do Estado, ora como “magno problema social”. Ao admitir que a defesa da infância implicava a defesa da sociedade, Dr. Magalhães propõe que tal questão também pudesse ser percebida na órbita do “direito penal”, redimensionando mais uma vez o problema. Antes de finalizar seu discurso na abertura do referido evento, esse médico relembra uma afirmativa comum te ouvida: a de que “já não temos homens” e de que tudo se encontrava diminuído, degenerado e desmoralizado, em virtude do que exclamava:

**10.** De acordo com observação da ata, essa indagação foi objeto de “Applausos”.

**11.** Trecho objeto de “Muitos applausos”, de acordo com as atas do Congresso.

**12.** Uma reflexão instigante acerca dos procedimentos adotados em defesa da sociedade encontra-se em Foucault, 1999.

“somos um país de perdidos!”. Ele, então, dirige-se ao público: “Achaes assim? Julgaes des te modo? De quem a culpa? O que fa ze mos por prophylaxia? Não reagiremos? Deixaremos que a infecção se generalize no organismo social?” Ao co men tar o ques ti o ná rio que apre sentara ao público, ele assegura que se não “temos homens foi porque não foram bem aproveitados e dirigidos os meninos de ontem.”, re-indagando seus ouvintes (e futuros leitores): “Como cru zar os bra ços e não agir no sen ti do de for mar ho mens?”

Ao de ba ter essa úl ti ma in ter ro ga ção, pro cu ra con ven cer e en vol ver seu au di tó rio na luta em fa vor das idéias de fen di das e do pro gra ma proposto, reafirmando a tese da criança como “sementeira do porvir”, razão que o levava a con clamar todos a se aplicarem, com afinco, paixão e carinho, ao tra ba lho me ri tó rio de for mar em cada criança um homem digno de amanhã.

Na I Conferência Nacional de Educação (1927) a in fân cia per ma ne ce em dis cur so, o que pode se re vi den cia do na quan ti da de de te ses em que esse tema é tra ta do, cen tral ou la te ral men te. Dr. Be li sa rio Pen na, pre si den te da Co mis são de Educação Higiénica desse evento, em sua tese, analisa a ne cessi da de da edu ca ção hi giê ni ca. Apo i an do-se em um “no tá vel eu ge nis ta” es pa nhol<sup>13</sup>, chega a afirmar que “o problema hu ma no é um pro ble ma de hi gi e ne, re sol vi do o qual, de sa pa re ce rão as ca u sas da mis é ria hu ma na” (p.32). No caso do Bra sil, o pro ble ma de hi gi e ne, para o Dr. Pen na, atin gi a mais de 90% da po pu la ção que “não sabem ou não têm su fi ci en te mente educadas a in teligên cia e a von ta de para de fender e me lhorar in cessan te mente a pró pria vi da”. Sendo assim, continua, era evi den te que não con tri bu íam para a de fe sa e me lho ra men to da vi da da fa mí lia, da so ci e da de e da es pé cie. Ao con trá rio, afir ma, o con cur so de in dolentes, de depositários e propagadores de doenças e taras patológicas é o de con tí nua e pro gressiva de ge ne ra ção da fa mí lia, da so ci e da de e da es pé cie.

Não bas tas se esse qua dro, o mes mo en con tra va-se agra va do pois, segundo Dr. Penna, dos pou cos bra si le i ros que sa bem de fender e me lho rar a pró pria vi da, in sig ni fi can te fra ção pre ocu pa va-se com a de fe sa e me lho ra men to da so ci e da de, con tan do-se pe los de dos os que cogi ta vam o a per fei ço a men to da es pé cie. Aqui, Dr. Penna deixa pis tas para se com pre en der uma nova in ter ven ção jun to à in fân cia. Lado a lado com o ar gumen to eco nô mi co (me lho rar a so ci e da de) e o ju ri di co (a de fe sa da so ci e da de), esse mé di co aco pla a ra zão eu gê ni ca (a per fei ço a ra es pé cie), ad ver tin do que de pen de do po der e von ta de do ho mem “a pu rar as qua li da des, cor ri gir ou eli mi nar os de fei tos”, su pe ran do-se “no pro du to, ser vin do-se no jar dim do ma trimô nio com a von ta de firme de criar fi lhos e que es tes se jam me lho res do que os que o ge ra ram” (1997, p.33). A in ob ser vân cia dos “de ver es” so ci ais, mo rais e ra ci ais con du zi ria ao se guín te qua dro:

A in ob ser vân cia des ses de ver es é que acar re ta ma les pro fun dos e gra ves pe ri gos para os po vos que os es que cem ou des pre zam. São eles: a in dolên cia, a do en ça. O des ca so pela hi gi e ne fí si ca, men ta le mo ral, as in to xi ca ções eu for ís ti cas volun tá rias, os sui cí di o, os aten ta dos con tra os bens e di re i tos do pró xi mo, o ho mi cí di o, o ego ís mo, a fal sa con cep ção do ca sa men to, a de ge ne ra ção da ra ça, o lu xo, a con cupiscên cia, a pro sti tui ção, o jo go, a imo ra li da de, o la tro cí nio, a mor ta li da de in fan til, a ir re li gi o si da de, o an tí pa tri o tis mo, a cor rup ção, o su bor no, a ti ra nia, o pa vor à li ber da de e à ver da de e o pre do mínio da força so bre a jus ti ça e o di re i to. (1997, p.32)

No amplo rol dos efeitos da não obe diên cia aos pre ce i tos da hi gi e ne e da eu ge nia, o mé di co pre nun cia um qua dro de so la dor de

13. Qualificação atribuída pelo brasileiro a Luis Huerta.

modo a aglutinar todos em torno do projeto em que acreditava e com o qual entrava-se com prometido, individual e corporativamente, pois entendendo que o que enunciava estava autorizado pela ordem do curso da qual fazia parte, isto é, esse tipo de enunciação encontrava credenciado pela ordem médica. Nesse extenso conjunto, evidenciava-se igualmente uma complexa combinação das razões para higienizar. No discurso do Dr. Penna incidem os argumentos religiosos, higiênicos, econômicos, jurídicos e eugênicos, convergindo todos para uma infância a ser modelada exemplarmente. Nessa tarefa, agências distintas deveriam cumprir tarefas específicas: a casa, o asilo e a escola. Agências já referidas ao longo do século XIX. No entanto, o centro desse trabalho foi constituído em torno da reflexão acerca da relação entre o discurso da higiene, infância e educação escolar.

No que se refere aos colégios, destina-se de uma infância mais afortunada, Dr. Coutinho (1857), para alterar o quadro de insensibilidade e impunidade que percebia, exortava a autoridade para que se procedesse à adoção dos preceitos higiênicos, pois os cuidados que se deviam prestar à infância eram “quasi desconhecidos entre nós; no que é relativo à educação, a higiene ainda não prescreveu o seu apoio, e seus preceitos ou são ignorados, ou desprezados em nossos colégios.” O tom, marca da mente de denúncia, parece acentuar-se quando se dirige a uma suposição tórica, existente à época, que apregoava a culpa dos higiênicos ao mesmo tempo em que não criava condições para que os mesmos fossem efetivos: “Em nosso país, em que o charlatanismo e a especulação tem tomado proporções gigantescas.” Com relação ao charlatanismo, afirmava: “a educação não foi esquecida pelos flibusteiros que abundam no país; engendrou-se o programa collegial com todo o cortejo de promessas nunca realizadas.” Com relação à especulação, denunciava: “atrahe-se a concorrência de alumnos com pomposos annuncios, as sciencias, a

literatura, e as bellas-arts são garantidas à mocidade: promettem tudo e nada cumprem.” Aqui, também, é possível perceber, no reconhecimento da aquilo que não se realizava, a presença do debate acerca da higiene nos colégios, embora, segundo Dr. Coutinho, o que se verificava era uma discrepância entre as propostas higiênicas e os atos efetivos.

Do ponto de vista dos atos, ao finalizar sua pregação em favor da higiene, ciência agregadora dos aspectos físicos, intelectuais e morais da educação escolar, insistiu no tom de denúncia ao se referir à perplexidade dos pais no momento de enviar seus filhos aos colégios, fosse pelo caráter especulativo e perigoso das casas de educação, fosse pela qualidade dos diretores dos estabelecimentos escolares, bem como a de seus professores:

Aqueles que não ignoram o estado de nossos collegios ficão perplexos quando tem de enviarem seus filhos á instrucção secundaria; e com razão, porque exceptuando poucos dignos collegios que conhecemos, os outros não são mais do que casas de especulação immoral e perigosa.

Os exames publicos a que fôrão obrigados os directores e professores mostrarão a sua ignorancia, e não é para admirar que muitos candidatos não conseguem com os exames actuaes se matricularem nas academias do Imperio; isto em relação á instrucção litteraria. A educação moral e religiosa é desgraçadamente nulla; a incredulidade vai se generalisando em nossa mocidade com todas as suas consequências fataes; o desanimamento nos corações jovens, cria rizes perniciosas, e é o caminho seguro para o scepticismo que mata a crença, que braços laços que unem os individuos entre si, desvirtua as forças da intelligencia e aniquila as tendencias humanitarias. (1857)

De posse dos modelos bem sucedidos no emprego dos preceitos higiênicos, Dr. Coutinho classificava o que via no Rio de Janeiro

como algo a ser superado pela obediência à doutrina do higiênismo, isto é, ao saber médico, cujo raio de ação procura atingir o ser humano nas suas dimensões física, moral e intelectual, constituidor de uma trindade pedagógica, fundada, amparada e legitimada pela ordem médica. Assim, guiada pela ordem médica, estar-se-ia procedendo a uma operação com um duplo efeito: higienizar as “casas de educação” e dar à higiene o lugar de proeminência entre as mais ciências que floresciam (química, física, fisiologia e meteorologia).

### **A higiene como ciência da infância**

Dr. Guimarães, em 1858, retomava de feição a higiene alavancando-a à condição de “Ciência da Infância”. Ao discutir as competências na educação dos filhos, afirmava haver três grandes agentes que deveriam participar desta tarefa: as mães, os pais e a higiene. O extenso discurso sobre a “Ciência da Infância” é bastante expressivo do modo como os médicos representavam a educação escolar, impondo a estes os princípios, métodos e procedimentos oriundos daquela. Sobre os agentes, defende uma educação pública que subtraísse a criança da influência única e exclusiva do ambiente familiar, posto que o Estado queria marcar seu filhos, educando-os. O Império desejava constituir seus súditos, não mais cabendo, portanto, uma educação exclusivamente doméstica, em que as mães cuidassem da formação moral e os pais, da formação intelectual. Defendia, contra esse formato, uma educação em que a família se constituísse em torno da criança, não cabendo, portanto, a separação de competências entre o pai e a mãe; o que aliteraria o próprio conceito de família e o lugar da educação no seu interior.<sup>14</sup> Defende, do mesmo modo, que a educação não se esgotasse nesse novo modelo de funcionamento familiar, sustentando a necessidade de uma educação pública a ser desenvolvida sob os auspícios da higiene:

Não admitimos como quer Mr. A. Martin, que sejam as mães as únicas encarregadas da direcção moral de seus filhos, ficando reservado aos pais o cuidado da instrução puramente. Com efeito pela própria lei da natureza a mãe deverá ter uma grande parte na educação dos primeiros annos tanto moral como de outra especie, mas pretender negar ao pai uma parte n'esta doce e sublimetarefa seria cruel, prejudicial e até mesmo impossivel. A harmonia, que deve subsistir entre o pai e o filho se romperia ficando aquelle extranho á formação do coração d'este; um desacordo continuo reinaria entre o esposo e a esposa intervindo aquelle muitas vezes de uma maneira contraria á estas relações sentimentaes de seus filhos.

Aos pais portanto, como temos visto, pertence uma parte d'esta dupla tarefa e á hygiene, como veremos é reservada outra. A hygiene, o mais importante dos ramos da Medicina, como diz o nosso distincto medico o Sr. Dr. Thomaz Gomes dos Santos, virá fornecer os meios de prolongar estas existencias vacillantes e de combater victoriosamente sua fraqueza nativa.

Esta sciencia da infancia virá nos trazer ás familias e aos directores dos estabelecimentos publicos e particulares a importancia que deve medir a constituição, temperamento, fraqueza e disposições morbidas da infancia, e ensinar-lhes a obviar estes inconvenientes oppondo-lhes uma alimentação variada e escolhida, ar, agua, lo gar, clima adequado, uma gymnastica proporcionada e até mesmo agentes medicamentosos. (1858)

**14.** Sobre a confluência entre o modelo familiar nuclear e o modelo escolar moderno, o estudo de Ariès (1981) constitui-se em referência obrigatória. No discurso do Dr. Guimarães é possível entrever a articulação, presente em sua defesa, entre uma “educação pública” e o reconhecimento das famílias, redefinindo e alterando, assim, as competências de pais, mães e as do próprio Estado. Para o caso brasileiro, o estudo de Costa (1989) indica, com um bom nível de precisão, como o processo de constituição da família conjugal foi representado pela ordem médica que, deste modo, procurou constituir-la.

Como se pode verificar, o brado deste médico em favor da higiene, elevando-a à condição de grande ciência da infância, produz uma representação que a transforma em molde dos modos familiares, particulares e estáis de educar e formar o bom homem social. Ciência esta que, para atingir seus fins regenerativos – cuidar e elevar os débeis – poderia, inclusive, fazer uso da arte de formular, isto é, dos aspectos médicos, o que sugere uma representação amplificada deste ramo da medicina, que, nesse discurso, se encontra elevada ao lugar “mais nobre e importante”.

Neste sentido, não é de se estranhar que este traço também esteja presente na tese sustentada pelo Dr. Armonde em 1874. No prefácio, logo no primeiro parágrafo, sua Maria apresenta o pessoal e o seu interesse pelo “ponto” escolhido:

Eis-nos, jovem tímido, intelligencia pobre de illustração, espirito pouco affeito ás lidas que occupão os animos superiores e consummados pensadores, encetando um escripto publico sobre o assumpto do mais palpitante interesse, a synthese de todos os problemas sociais – a educação.

O médico, ao se envolver no desafio de produzir um escripto público em que passa ao papel “apouca das reflexões” e a “observação de algumas cousas relativas á educação na Côte” toma para si um objecto que, segundo ele, era a síntese de todos os problemas sociais. Esta escolha não se constitui em uma escolha estritamente individual, mas profundamente controlada pelos discursos que a corporação médica elege como prioritários ao longo da formação, na conclusão do curso e também no exercício profissional. Após explicar o valor do tema trabalhado, caracteriza, em seguida, o que entende como “Ciência da Infância”. No ponto escolhido e desenvolvido pelo Dr. Armonde, ele procura, nesta perspectiva, valorizar a área de higiene no interior do campo médico:

A Higiene é a primeira das sciencias. Realiza o ultimo desideratum de Hypocrates, é a aspiração principal do homem, dando-lhe a felicidade possivel na vida; a hygiene é o succo doce de todos os fructos colhidos pelos cultivadores dos diversos e numerozinhos ramos da grande arvore das Sciencias Medicas.

Como uma mãe extrema para a humanidade, ella afasta de nós, e mi nu ci o sa men te, todos os obstáculos que possam impedir ou perturbar a nossa vida. Mais pi e do sa que a propria Therapeutica, evita as molestias, que a esta só é dado curar. (1874)

A dissertação do Dr. Armonde fortalece a crença do poder da higiene, posto que esta “mãe extrema” era a responsável por provocar um deslocamento no funcionamento da medicina, cujas preocupações, conforme os princípios da higiene, deveriam migrar da “cura” para a “prevenção”. É, pois, com o entendimento de que as intervenções educacionais se contravam-se marca das por um caráter preventivo que o autor de sen vol ve a sua dissertação, do que também decorria o seu interesse (e o da medicina) pela educação. Ainda no prefácio, o Dr. Armonde sinaliza para o tratamento que daria aos diferentes aspectos contidos em seu ponto. Assim, ele enuncia seu protocolo de leitura:

Á medida que dis correr mos, fallaremos das relações existentes entre esse estado e a saúde dos habitantes, procurando mostrar que molestias ha entre nós, cujo desenvolvimento é devido á imperfeita educação; concluindo que, com o aperfeiçoamento desta, muito ganharão o nosso estado sanitario e a nossa civilisação, a nossa futura grandeza, seja material ou moral. A educação, todos o sabem, comprehende tres ramos: educação physica, moral e intellectual. Tão intimas são as relações que en t re si guar da esta tri ple ra mi fi cação, que muitas vezes não podem ser completamente classificadas em um ramo, por se ligarem igualmente aos outros.



Tra tan do de uma ques tão de edu ca ção physi ca, por exem plo, nada mais na tu ral do que pas sar-se insensivelmente para uma questão de educação mo ral ou in tel lec tu al. Uma das dif fi cul da des do nos so pon to está, pois, pre ci sa men te nes sa in ti ma cor re la ção, nes sa qua se in se pa ra bi li da de das ques tões. (1874)

Dr. Armonde explicita, por tan to, em seu protocolo o interesse pela “imperfeita educação” na sua “tríplice ramificação”(física, intelectual e moral), a qual carecia de aperfeiçoamento e que, se efetivada sob os auspícios da medicina, interferiria positivamente na produção de “nos sa fu tu ra gran de za”. Isto é, o tri un fo do Império encontrava-se subordinado a uma cadeia de relações causais, que teria em sua pon ta ini cial a hi gi e ne, a qual de ter mi na ria uma boa edu ca ção que, por sua vez, se ria de ci si va na cons tru ção de um bom es ta do sa ni tá rio, uma boa civilização e, conseqüentemente, a grande za ma te ri al e mo ral do país, es ta be le cen do, des te mo do, uma hi e ra r quia de sa be res e de po de res. Neste sentido, nas teses médicas da FMRJ, pode-se perceber que, apesar de posi ções di fe ren cia das acer ca de ques tões es pe cí fi cas, tais como o papel da igreja, da educação fe mi ni na e da ob ri ga to ri e da de do en si no, a ên fa se an un cia da na for ma ção da mo ci da de é de sen vol vi da se gun do um mo de lo dis cursi vo mar ca do pelos elementos da modéstia, da autoridade (pela eru di ção e co nhe ci men to do pas sa do) e de relevância do tema estudado, bem como pela defesa de uma rede hierárquica de po der, em cuja ori gem e pon to su pe ri or lo ca li za va-se a “Ciên cia da Infân cia”.

### **A higiene no discurso professoral**

O discurso da hi gi e ne, no en tan to, não se cons ti tu ía em uma parti cu lar i da de dos con clu in tes do curso de me di ci na. Tam bém era le gi ti mado jun to ao cor po do cen te da fa cul da de. O mé di co-professor Car los Ro dri gues Vas con cel los, ao con cor rer ao car go de Len te de Hi gi e ne

da FMRJ, foi ob ri ga do, pe los dis po si ti vos es ta tu tá ri os, a es cre ver e de fen der uma tese so bre esse tema, intitulada “Higiene Escolar”. Essa tese, contudo, distingue-se das demais pelo fato de pre ten der abor dar um úni co pon to, a hi gi e ne es co lar, e en con trar-se ma te ri al mente estruturada de modo distinto, já que possui capa e dados institucionais imediata mente se gui dos pelo tex to pro pri a men te di to. Não encontramos, por tan to, nem a se ção de agra decimen tos, nem a nota a va li a ti va, tam pou co os aforismos de Hipócrates. Registro uma ou tra dis tin ção, que se re fe re à pre sen ça de imagens gráficas no corpo do trabalho, dis pos tas ao fi nal do mes mo, em que o le i tor tem acesso aos desenhos de diferentes tipos de mo bi lí a ri os co lar re fe ri dos pelo au tor em seu dis curso, quan do de di ca-se a abor dar essa problemática, pro curando com pa rar os mo de los exis ten tes no mun do, suas ca rac te rís ti cas e van ta gens. É man ti da, con tu do, a nota de que “A Fa cul da de não ap pro va nem re pro va as opi ni ões emi ttidas nas theses que lhes são apre sentadas.”

O dis curso do Dr. Vas con cel los em tor no da ques tão da hi gi e ne en con tra-se or ga ni za do em cinco blocos: Introdução, Internatos e Externatos, A Escola, o Aluno e Moléstias Escolares. Na introdução, o autor procurou res sal tar a re le vâ n cia do tema a que se de di ca va, bem como a abor da gem de sen vol vi da. Para ele, a hi gi e ne es co lar cons ti tu ía-se em um as sun to que pre o cu pa va o espí ri to dos hi gi e nis tas fazendo com que os múltiplos e variados ele men tos de aná li se en con tra dos nos es ta be le ci men tos es co la res es ti ves sem des pertando a atividade de um grupo de trabalhadores que clamava “todos os dias pelas urgentes reformas de que necessita esse ramo da hygiene.” Reforma esta que, na ótica des se mé di co, de veria con ju gar di fe ren tes fa cul da des do ho mem, rompendo com uma tradição da Antigüidade em que os povos es meravam-se na edu ca ção fi si ca dos ado les cen tes, mas des prezavam o lado intelectual. Em sua época,

registra que ocorria um movimento oposto, isto é, em vez de ginásios onde se formavam grandes atletas, “ve-mos pre-di-os e par-di-e-i-ros onde as crianças vão iniciar-se no culto dessas deusa atlhentes, difficeis de se mostrar – A Ciência ou a Arte –, mas á cus ta do de sen vol vi men to physico, á cus ta da sa u de.” Ao con clu i ro di ag n ó ti co da educação de seu tempo, afir-ma que os adolescentes são vítimas “immoladas em honra da educação pela tuberculose, escrophulose, rachitismo, etc., ou deixando impressos os caracteres dos vícios de conformação adquiridos nesse meio ain-da tão des cu ra do en tre nós”. Para sus-ten tar sua po si ção, re cor reu a um h i g i e n i s t a i t a l i a n o<sup>15</sup> que confirmava a necessidade imperiosa de se de-di-car aten-ção à es-co-la e de re-for-má-la a partir dos pos-tu-la dos h i g i e n i s t a s: “La scu-la é il sa cro Pa-la-dio ove é ri pos to l’avenire della na-zione.” Descrita como sagrado palácio, a escola deveria ser orde-nada pelos princípios, mé-todos e pres-cri-ções da hi-gi-e-ne, de modo a po-der for-mar su-jei-tos fortes, sa-udá-veis, in-te-li-gen-tes e morali-zados que, com essas ca-rac-te-rís-ti-cas, ali-cer-ça-ri-am a na-ção, constituindo-se em base segura para um futuro idealizado como grandioso.

Países<sup>16</sup>, personagens<sup>17</sup>, levantamentos<sup>18</sup>, procedimentos<sup>19</sup> e estratégias<sup>20</sup> in-te-gra-m a tra-ma discursiva desse médico, cujo objetivo é convencer a todos de que o investimento em educação constitui-se em um es-for-ço que po-de-ria ser lar-ga-men-te re-com-pen-sa-do quan-do se restituisse à “sociedade as crianças que foram entregues aos estabelecimentos de educação, educadas, fortes, robustas e aptas para paga-rem com usura o em-pres-ti-mo que con-tra-hi-ram com ella in-di-re-ta-men-te.” Ao en-cer-rar sua in-tro-du-ção, ele busca reconhecer que seu trabalho não era completo, assinalando que os proble-mas que abordava requereriam estudos espe-ciais, o que era incompatível com as características de uma tese. Todavia, afirma que em sua tese estavam indicados “os ver-da-de-i-ros prin-cí-pi-os em que se de-ve-m ba-se-ar h i g i e-ni-s-tas e constructores”, e que se sentiria suficientemente recompensado se tivesse a

fortuna de ver “attendidas as nossas reclamações”.

Neste conjunto de observações, fica res-sal-ta-da a pre-sen-ça de tra-ços de um pa-drão discursivo iden-ti-fi-ca-do nas teses mé-dicas: hu-mil-dade, eru-di-ção, au-to-ri-da-de, va-lo-ri-za-ção do objeto estudado e hierar-quiza-ção de saberes tendo, como base, a ciência da higiene. No que se refere às representações deste último médico sobre o objeto educacional propria-mente dito, ve-ri-fi-ca-se que ele propõe a re-li-za-ção de uma ampla cruzada moralizadora, combatendo veementemente o modelo escolar dos internatos, sendo este ponto merecedor de destaque, pois é possível, com isto, perceber uma disputa entre a forma escolar mais identificada com o modelo religioso – dos seminários/mosteiros, de uma vida

15. Fazio, *Tratado de Igiene*, de 1886.

16. França, Alemanha, Inglaterra, Bélgica, Suíça, Áustria, Itália, e até mesmo, segundo ele, a “tyrannisada” Rússia; nesta sequência.

17. Rousseau (*Emile*), Montaigne (*Essaies*, livro I), Locke (*Education des Enfants*, 1821) e Brouzet (*Essai sur l’education medicinale des enfants et sur leurs maladies*, 1754).

18. Apresenta dados de um recenseamento da Corte, de 1872, para provar que o número de crianças freqüentadoras de escolas já era bastante significativo. De acordo com esse censo, na Corte havia 67.064 crianças e, desse total, 15.923 encontravam-se matriculadas em uma rede de 192 escolas gratuitas (públicas e subvencionadas) e pagas. Desse quantitativo de escolas, 94 eram gratuitas, sendo 46 voltada para o ensino masculino e 48 para o público feminino. Neste censo discrimina-se ainda o público das escolas públicas e particulares quanto ao gênero, sendo encontrados 4.734 alunos e 4.588 alunas na rede pública e 3.470 meninos e 3.131 meninas nas escolas da rede privada.

19. Segundo ele, as conferências e exposições escolares que aconteciam eram interessantes, mas pouco práticas do ponto de vista da higiene escolar, sobretudo porque ainda tratavam as crianças de modo fragmentado, abandonando o trabalho corporal/físico.

20. Reconhece que já se dispendia uma grande soma com o ramo escolar, apesar do atraso em que o mesmo ainda se encontrava, o que poderia nos levar à conclusão de que o problema era, então, de gerenciamento dos recursos. Este problema até poderia existir, mas este médico aponta, também, para a necessidade de elevação dos recursos a serem gastos com educação, propondo um imposto pequeno por habitante, a exemplo do que, segundo ele, já era praticado na maior parte dos países estrangeiros. A inclusão de um “imposto escolar” também esteve presente no horizonte do poder executivo central a ponto de, no relatório ministerial de 1879, o Ministro Carlos Leôncio de Carvalho defendê-lo como alternativa para o problema do financiamento da educação.

reclusa – e aquele de fendi do pela higiene. Neste sentido, cabe acompanhar o seu posicionamento sobre este aspecto da cruzada moralizadora que pretendia ver deflagrada.

### Higiene e o combate à reclusão

A principal reclamação do Dr. Vasconcellos, em sua tese de 1888, refere-se ao desprezo pelas regras de higiene escolar, o que terminava por orientar as demais reclamações que apresenta em seu discurso. No item intitulado “Internatos e Externatos”, exprime uma recusa veemente com relação aos internatos que, para ele, se constituíam em uma das fontes de enfraquecimento orgânico e de decadência da espécie, pois aquele modelo de escola não possuía “interesse único na educação generosa da mocidade e no cumprimento da missão sagrada de entregar à pátria cidadãos robustos e aptos para todos os mistérios”. Ao contrário, o interesse único dos internatos residiria, segundo ele, no maior ou menor lucro que lhes poderia advir do ensino. Além deste aspecto, enumerava outros que também condenava como, por exemplo, o regime disciplinar que aprisionava as crianças, a alimentação quase sempre mal preparada, mal escolhida, mal distribuída e “não raro às vezes pouco asséptica”, a ausência de vigilância nos dormitórios, o número excessivo de alunos e o longo tempo de estudo.

Ao concluir sua exortação contra os internatos, o Dr. Vasconcellos recorreu à Arnould<sup>21</sup> que afirmava “o internato é deplorável a todos os respeito”, sendo “nullo para a educação e torna-se odioso para os pensionistas.”<sup>22</sup> O médico brasileiro reconhecia, contudo, a utilidade dos internatos para os meninos que não possuíam família próxima da localidade em que o colégio estivesse instalado, ou quando o menino precisasse de “sujeição”. Nesses dois casos, considerava como exceção, mais do que em qualquer outro, os internatos deveriam ser organizados sob a égide da

higiene e presididos pelos seus cânones, de modo a evitar desregramentos, desencaminhamentos, entrega à vida agitada das paixões e abandono completo dos deveres de aluno.

Contra o modelo dos internatos, o professor da FMRJ defendia a adoção dos externatos como padrão que, na perspectiva adotada, deveriam ser localizados, construídos, organizados e mantidos sob todas as regras que a higiene e a pedagogia prescreviam, de modo a preencher “completamente a missão” a que se destinavam. Com isso, enumerava as vantagens deste modelo:

Com efeito, terminada a tarefa escolar, o aluno regressa para a sua casa, onde, além dos cuidados da família, em contraliberdade de exercício, sem sujeitar-se a determinadas convenções disciplinares.

O exercício que ele faz quando se dirige para a escola, ou quando d’ahi sae, produz a mais benéfica influência sobre o organismo; o aluno deixa a atmosfera sobrecarregada de exalações das salas dos collegios e aspira, pelo menos durante um certo tempo (duas a quatro vezes por dia), um ar mais puro e mais livre. (1888)

O externato permitiria às crianças uma espécie de liberdade, ao mesmo tempo em que as obrigava a um exercício físico diário em virtude do deslocamento que teriam de realizar entre a casa e a escola. Este é, portanto, o modelo de escola apregoado pelo Dr. Vasconcellos, especialmente porque:

Desgracadamente, raro não é o collegio entre nós que pos sue, já não dizemos boas, regulares condições de hygiene. Em geral as salas

21. *Traité de Hygiene Publique et Privée*, p.1122.

22. Partilha da crítica formulada por Hippeau em seu relatório (1871), aproximando-se, deste modo, do modelo que segundo o relator francês encontrava-se em voga nos EUA.

acanhadas, mal ventiladas, mal iluminadas, sem a conveniente orientação, sem espaço suficiente para recreios, latrinas, etc.; além disso, um numero de alumnosahi acumulados, excedendo do do bro, do tri plo e além da lo ta ção ma xi - ma. (1888)

A defesa dos externatos encontra-se, portanto, ancora da no argumen to de que a sa í - da da crian ça do pré di o es co lar é po si ti va, vis to que a arquitetura do mesmo era con tra - indicada, pois não aten dia aos co e fi ci en tes higiê nico - san itá rios<sup>23</sup> re co men da dos pe los mé - di cos, sen do a sa í da dos es pa ços es co la res um procedimen to que funcionaria como linha de fuga, possibilitando ao aluno uma vida mais saudável do ponto de vista físico e moral. Na ten ta ti va de am pli ar a sus ten ta ção de seus ar - gumen tos, recorreu a um le van ta men to pro du - zido pelo Delegado de Instrução da Freguesia de São Cristóvão, Sr. Silva Santos. Apo i a do nes - se levantamento, Dr. Vasconcellos conclui:

Ago ra, se con si de rar mos de um lado os gran des inconvenientes da ag glo me ra ção e de ou tro os que re sul tam da im pro pri e da de dos pré di os, so - bre tu do de par ti cu la res, que são uti li za dos para tão exi gen te ob jec ti vo, baldos das prin ci pa es con di ções que a hy gi ene con tem po ra nea pres - cre ve e ca pa zes de se ri os ri sos pela fal ta de re - gu lar dis tri bu i ção da luz na tu ral e da re no va ção methodica e completa do ar respiravel que os alumnos de vem con su mi r du ran te mu i tas ho ras no de cur so de 300 dias do anno, a ima gi na ção certamente não attinge de presente a enorme som ma de pre ju i zos physi cos e mo ra es que em taes estabelecimentos se preparam ou se con - sum mam em nome da ca ri da de e do pro gres so. (1888)

É, pois, preocupado com a formação in - tectual, moral e física da juven tud e masculina e fe mi ni na que esse mé di co apre sen ta um con - jun to de me di das ori en ta do ras da re for ma pro - fun da a que pre ten dia sub me ter os ex ter na tos,

vol ta dos para toda a po pu la ção, e os in ter na - tos (ape nas os que fos sem com pro va da men te necessários). Tais medidas possuíam como pon to de ori gem co mum a dou tri na da hi giê - ne<sup>24</sup>, mãe ex tre mo sa que de ve ria gui ar o modo de con ce ber, es tru tu rar, edi fi car e de fun ci o - nar dos colégios, intervindo, dessa maneira, na for ma ção da juven tud e e, por con se quin te, na própria construção do futuro da Corte Imperial e da pátria brasileira. Posicionan - do - se con tra a cla usu ra dos in ter na tos / se mi - ná rios, esse mé di co po si ci o na - se, igualmente, con tra a es co la uni di men si o nal, isto é, aque la preocupada fundamental e exclusivamente com a formação intelectual. Assim, com ba - tendo uma forma escolar, combatia também um modelopedagógico.

Ao percorrer a questão do conceito de educação partilha do pelos médicos por in ter - médio de uma série documental constituída por teses de fen di das, na FMRJ, en tre 1854 e 1888, foi possível acom pa nhar a ma nu ten ção do padrão discursivo e a existência de algu - mas ten sões nes te pe rí o do. Do que foi pos sí - vel perceber, para efeito de conclusão da análise do esforço dos médicos em produzir consenso em torno do corpo doutrinário da hi giê ne, des ta ca ria uma in sis tên cia e uma re - pe ti ção pre sen tes, seja nas tes es que apre sen -

**23.** O autor apresenta dados de um levantamento realizado em 15 colégios que atesta que os coeficientes de iluminação, ventilação e ar permanente comportariam apenas 1.145 alunos distribuídos em 618 para as escolas de meninas e 597 para os cursos de rapazes, de um total de 1.633 matriculados. Os dados funcionam para provar que o excesso de alunos é algo que deveria ser combatido em favor da boa higiene escolar.

**24.** Sobre o amplo arco de competências a ser recoberto pela higiene, o Dr. Vasconcellos afirma: "Não ha desconhecer-se que a hygiene escolar joga com todos os elementos da materia da hygiene, quer individualmente, quer em coletividade; não se póde, pois, exigir os preceitos de edificação, exposição, disposição, etc., estejam na dependencia dos preceptores; não, pertence aos higienistas estipulal-os, aos governos a sua determinação e aos engenheiros a sua execução." Este discurso, além de assinalar a amplitude do arco higienista, também hierarquiza e ordena posições. No princípio e no fim, a higiene, na medida em que são os higienistas os formuladores e seriam, eles também, os fiscalizadores. Produtores e gerentes da ordem escolar, portanto.

tam um recorte mais específico pelo tema da educação física, seja nas de mais. Seja nas que procuram tematizar de modo mais enfático os “colégios”, seja naquelas cujas preocupações giravam em torno da preocupação com a “formação da mocidade” carioca/fluminense. Insistência no poder da higiene. Repetição na compreensão da necessidade de se fazer uma intervenção higiênica que articulasse, cimentasse e desenvolvesse, simultaneamente, as três dimensões do homem, reconhecidas e referidas pelo discurso da “mãe extrema-sa”: a moral, a física e a intelectual. Insistindo e circulando em torno desses princípios, os médicos procuraram instituir uma tripla representação dos colégios, que se manifestava em forma de combate. Combate à escola exclusivamente do físico, à escola exclusivamente do intelectual e à escola exclusivamente voltada para a formação moral. Recusa, pois, à manutenção da escola-ginásio, da escola-cárcere<sup>25</sup> e da escola-igreja.<sup>26</sup>

Na nova ordem pedagógica imaginada pela higiene, não mais caberia culpar a faculdade do homem de modo exclusivo e mutuamente excludente. Nesse sentido, os higienistas rechaçavam a crença de um programa de formação inspirado no absolutismo de qualquer um dos fragmentos humanos, construindo, então, a crença na trindade pedagógica, fundida sob o calor dos saberes da higiene. Na ordem médico-higiênica, era tempo de integrar as dimensões humanas que, tradicionalmente, até o século XIX, na Corte Imperial e no Brasil, vinham sendo concebidas e tratadas isoladamente. Era tempo de uma nova religiosidade, ancorada no saber-poder da ciência. Era tempo de instituir uma nova representação dos colégios, das políticas públicas voltadas para a educação e, também, de novas práticas escolares. Era, enfim, chegado o tempo da trindade pedagógica e da utopia de intervir na formação de um homem novo. Novo por que bem constituído física, moral e intelectualmente. Novo por que inscrito em uma percepção do homem e da sociedade que buscava legitimar-se como

nova, em um tempo no qual se dirigiam ações rumo à modernização da sociedade, do trabalho, da economia e da escola. Era tempo de urbanização e de aburguesamento. Portanto, também era tempo de higienização.

Higienização escolar que, recobrindo diversos aspectos (circumfusa, ingesta e aplicada, dentre outros), desdobrava-se também na partilha de conceitos referentes à produção de um corpo educado, de faculdade desintelectuais higienizadas e do patrocínio e estímulo àquilo que os próprios médicos designam de “ginástica da vontade”, isto é, a definição da própria moral do homem, que deveria presidir as práticas escolares. No interior desse complexo e descontínuo arcabouço discursivo, a idéia de infância e de educação escolar são constituídos simultaneamente, solidária e mutuamente dependentes. Com isso, ao representar a infância como o “porvir do amanhã”, acionando o argumento da religião-caridade, da prevenção, da economia, da eugenia ou mesmo do direito, tal esforço colabora para se construir a representação da escola higiênica – higienizada e higienizadora – como incubadora de um “amanhã” regido e controlado pela racionalidade comprometida com uma ordem que produzia seus “engeitados” e “incluídos”, tanto como enunciava dispositivos voltados mais para a redução dos efeitos das desigualdades existentes entre uns e outros do que propriamente para a erradicação de suas efetivas motivações.

Nesses termos, torna-se possível relativizar a reação “indignada” do Dr. Moncorvo

**25.** Valho-me dessa associação porque os médicos, ao criticarem a escola do imobilismo e dos longos tempos dedicados ao estudo, freqüentemente associavam essa modalidade de ensino àquela preocupada exclusivamente com o desenvolvimento intelectual dos alunos e, desta forma, para eles, constituíam-se em verdadeiras prisões para os jovens.

**26.** Hippeau (1871) trabalha com associações semelhantes ao combater os internatos que, segundo ele, eram uma “triste mistura de claustro e quartel”.

Filho (1922) a Gustave Le Bon que, segundo ele, “ignominiosamente”, “com ignorância deplorável” do Brasil, representou-nos como “um povo decadente e ‘trop libéral pour des races sans energie et sans volonté...’” Contra essa posição, recusando esse suposto traço natural do povo brasileiro, dirigindo-se à audiência da sessão de abertura do I Congresso Brasileiro de Proteção à Infância, o médico brasileiro afirmava: “Senhores, pôde ser que laboremos em erro. Esta mos, porém, convencidos de que o nosso trabalho, no sentido de conseguir para o nosso Brasil o melhor por vir, deverá ser cuidar desveladamente, dessa

geração que amanhã bem dirá os nossos esforços, as nossas lutas e as nossas vitórias.” (1922, p.129). Assim, coloca na intervenção continuada junto às crianças toda a responsabilidade pelo futuro grandioso que idealizava e prometia, cujo alcance dependia de uma infância devidamente higienizada, mesmo que tal estratégia produzisse, legitimasse e terminasse por naturalizar as desigualdades da “geração do amanhã”, o que, de sua parte, colaborava para manter viva a representação do eugenista francês que deixava o médico brasileiro “tão indignado”.

## Referências bibliográficas

- ARIËS, P. *História social da criança e da família*. 2. ed.. Trad. de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- ARMONDE, Amaro Ferreira das Neves. *Da educação física, intelectual e moral da mocidade no Rio de Janeiro, e de sua influência sobre a saúde*. Rio de Janeiro: Typ. do Apostolo, 1874.
- COSTA, Juran dir F. *Ordem médica e norma familiar*. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- COSTA, Maria J. F. F.; SHENA, Denise R.; SCHIMDT, Maria A. (Orgs.) *1ª Conferência Nacional de Educação*. Brasília: MEC/INEP-IPARDES, 1997.
- COUTINHO, Cândido Teixeira de Azere do. *Esboço de uma hygiene dos collegios applicavel aos nossos*: regras principais e tendentes à conservação da saúde e ao desenvolvimento das forças físicas e intelectuais, segundo as quaes se devem regular os nossos collegios. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1857.
- DEPARTAMENTO DA CRIANÇA NO BRASIL. I Congresso Brasileiro de Proteção à Infância. 6º Boletim (1921-1922). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1924.
- FERNANDES, Rogério. Orientações pedagógicas das “Casas de Asilo da Infância Desvalida” (1834-1840). *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 109, p.89-114, mar. 2000.
- FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade*. Trad. de Maria E. Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- GONÇALVES, Francisco de Paula Lázaro. *Que regimento será mais conveniente para a criação dos expostos da Santa Casa da Misericórdia, attentas as nossas circunstancias especiaes, a criação em comum dentro do hospicio, ou a privada em casas particulares?* Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1855.
- GONDRA, J. G. *Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na Corte Imperial*. São Paulo, 2000. Tese (Doutorado) Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.
- \_\_\_\_\_. *Medicina, higiene e educação escolar*. In: LOPES, Eliane M. T.; FARIA FILHO, Luciano M.; VEIGA, Cynthia G. *500 anos de educação no Brasil*. 2. ed.. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- GUIMARÃES, Antenor A. R. *A hygiene dos collegios applicavel aos nossos*: esboço das regras principais e tendentes à conservação da saúde e ao desenvolvimento das forças físicas e intelectuais, segundo as quaes se devem reger os nossos collegios. Rio de Janeiro: Typographia Imparcial de J. M. Nunes Garcia, 1858.

- HIPPEAU, C. *L'instruction publique aux États-Unis: écoles publiques, collèges, universités, écoles spéciales*. 2. ed. Paris: Didier, 1872.
- KOSELLECK, R. *Le futur pas sé: contributions à la séman tique des temps his to ri ques*. Tra du it par Jo chen Ho ock; Marie Cla i re Ho ock. Pa ris: Édi ti ons de l'éco les des ha u tes étu des en sci en ces so ci a les, s. d.
- KUHLMANN JR., Moy sés. Edu can do a in fân cia bra si le i ra. In: LOPES, Eli a ne Mar ta T.; FARIA FILHO, Lu ci a no M.; VEIGA, Cynthia G. *500 anos de edu ca ção no Bra sil*. 2. ed. Belo Ho ri zon te: Au tên ti ca, 2000.
- LEITE, Mi ri am L. M. A in fân cia no sé cu lo XIX se gun do me mó ria e li vros de vi a gens. In: FREITAS, Mar cos Ce zar de. (Org.) *His tó ria so ci al da in fân cia no Bra sil*. São Pa u lo: Cor tez/USF, 1997.
- MARCILIO, Ma ria Lu i za. A roda dos ex pos tos e a cri an ça aban do na da na His tó ria do Bra sil (1726-1950). In: FREITAS, Mar cos Ce zar de. (Org.) *His tó ria so ci al da in fân cia no Bra sil*. São Pa u lo: Cor tez/USF, 1997.
- \_\_\_\_\_. *His tó ria so ci al da cri an ça aban do na da*. São Pa u lo: HUCITEC, 1998.
- SPENCER, Her bert. *Da edu ca ção in tel ec tu al, mo ra le ph ys i ca*. Lis boa: Edi to ra Lit te ra ria Flum i nen se, 1886.
- PRIORI, Mary del (Org.). *His tó ria das cri an ças no Bra sil*. São Pa u lo: Con tex to, 1999.
- VASCONCELLOS, Carlos Rodrigues. *Hygiene Escolar: suas aplicações á Cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança, 1888.

*Re ce bi do em 31.08.00*

*Apro va do em 07.11.00*

**José G. Gon dra** é pro fes sor ad jun to na Uni ver si da de Esta du al do Rio de Jane i ro (UERJ), co or de na dor da área de His tó ria da Edu ca ção e Dou tor em Edu ca ção pela USP, na área de His tó ria da edu ca ção e his to ri o gra fia.